

869.8

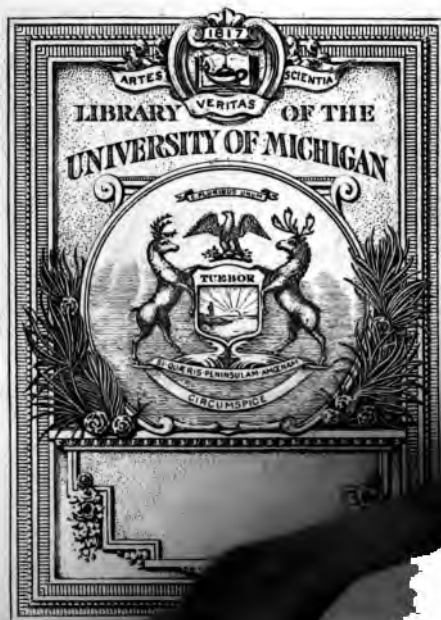
A449

1822

A 465630

www.libtool.com.cn

www.libtool.com.cn

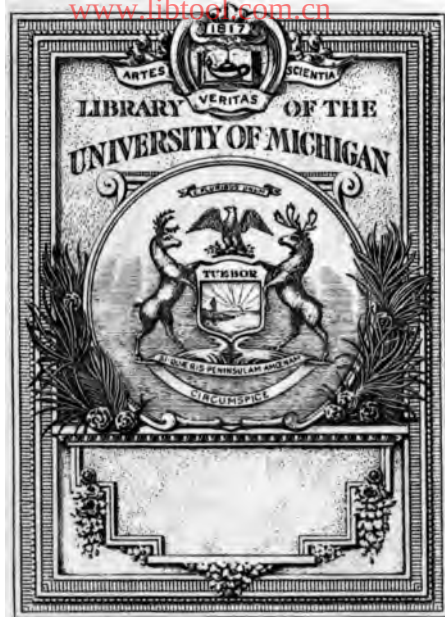


3099

www.libtool.com.cn



www.libtool.com.cn



3099

www.libtool.com.cn

www.libtool.com.cn

Almeida Garrett, João
Baptista da Silva Lisboa
de Almeida Garrett, 1.
visconde de

THEATRO

www.libtool.com.cn

DE J.-B. S. L. A. GARRETT.

TOMO I.

LISBOA,

ANNO II. (1822.) NA IMPR. LIBERAL.

Rua Formosa N. 42.

869.8

A449

1822

www.libtool.com.cn

v.1

1708 (11)
JANUARY 1971
AT THE CLERK

A QUEM LER.

Conheço perfeitamente a dificuldade d'uma composição dramatica. Empregando a maior parte de minhas horas vagas (unicas, que dou a versos, e semelhantes passatempos) neste ramo da poesia, que por inclinação amo sempre, e por estudo cultivo; versando, quasi desde a infancia, com nocturnos, e diurnos os theatros Gregos, e Francezes; tenho de sua leitura constante colhido (quando menos) o conhecimento perfeito da difficuldade do genero.

Lendo Sophocles, e Eschylo, Euripides, e Aristophanes; ajudando-me no pouco conhecimento da lingua Grega das boas traducções Latinas; e Francezas; e sobre tudo da erudita, e ingenhosa obra do P. Brunoy; adquiri o gosto do theatro classico, e das bellezas magestosas, e simples da Melpomene d'Athenas, com o do sal acre, e travessos risos de sua galhofeira Thalia.

A tragedia Grega singela, e vigorosa em Eschylo, magestoza, e sublime em Sophocles; só em Euripides decai alguma couza em certa affectação de moralizar, que depois em Roma estragou Seneca, (*) e mais posteriormente em Paris amanhrou algumas vezes Voltaire.

(*) Ou quemquer que é o auctor das tragedias deste nome.

Na commedia Grega, simplez caricatura ao principio de diversas personagens, mais vaga, e incerta no seu caminho de aperfeiçoamento, admirei a viveza dos ditos picares, a ingenhosidade da imitação *ridicula*, porém mais nada. E não tendo outro escriptor, senão Aristophanes; até pela fallencia de comparação, foi indeterminado o meu conceito.

Não conhecia eu estas differenças nos meus principios; e o sentimento da admiração era o unico da minha alma quando contemplava taes maravilhas.

A scena Romana não me offereceu senão Plauto, Terencio, e Seneca; ou, mais exactamente algumas cópias desfiguradas dos originaes Gregos, que tendo largado o *pallio* de Athenas; vestirão a *toga* do Lacio, que se lhes desajeitava nos hombros desajeitados.

Voltei-me ao theatro das linguas modernas, que não só colhêrão o beijo ás bellezas, e primores Gregos; mas souberão crea-las novas. Na tragedia a Sophonisba de Trissimo, e a Castro de Ferreira; na comedia Gil Vicente, Prestes, e Ariosto com outros na Italia, e Hespanha, apresentão as primicias da moderna scena, que, ora moldada no classico Grego, ora no genero Romantico, formão uma terceira especie, d'ambas participante tantos esmeros, e prodigios veio depois a dar ao theatro das linguas vivas.

Alem de longa, fôra bem superiôr ás minhas forças a analyse das peças dramaticas do riquissimo theatro Francez: do não tam rico, mas quasi tam extenso Inglez, e Hespanhol; e finalmente do novissimo, porém talvez superior a todos, o Italiano.

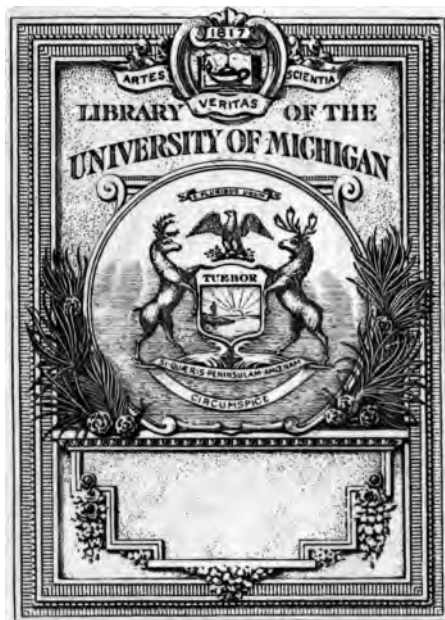
Ninguém ignora que a conservação, e ap-
 puro do genero classico se deve á França, e
 principalmente a Racine, Voltaire, e Crebillon;
 mas poucos ~~quererão conceder~~ ~~que~~ Mafei, e Al-
 fiéri, o sublimou, e appurou ainda mais que
 todos elles. Todos sabem que o genero Romanti-
 co, filho de Shakespear formou uma classe dis-
 tincta, e separada, que, supposto irregular, e
 inferme, tem com tudo bellezas proprias, e
 particulares, que só nelle se achão.

Todas estas observações tenho eu encontrado
 nos philologos modernos, e em todos, ou quasi
 todos os cursos de litteratura. Mas o que me
 não lembro de ler é que este genero Romanti-
 co, combinando-se com o classico, dando-se,
 e recebendo mutuos soccorros, formassem um
 genero novo, cujos caratheres, são bem sali-
 entes, e cuja belleza incontrastavel. Segundo a
 minha opinião são classificaveis nelle Corneille,
 e Dugis em quasi todas as suas obras, Schiler (*)
 em algumas, e os modernos auctores Inglezes,
 e Hespanhoes em todas.

No que toca á especie commica, não se pôde
 com exactidão dizer o mesmo. Pois de certo em
 França, desde o *Mentor* de Corneille, até qua-
 si ao nosso tempo (em que Diderot, os seus
drammas, e os seus imitadores, fazendo um co-

(*) O theatro Alemão não faz uma eshola
 sua: quasi todo elle é Inglez; pouco neste ge-
 nero *nato*; e por ventura nenhum no classico.
 O que se diz da scena tragica, não direi eu
 da commica, em que o não julgo cousa algu-
 ma absolutamente.

www.libtool.com.cn



3099

www.libtool.com.cn

VIII

embaraçava uma cousa ; e era o consentimento do meu amigo , o Sr. P. Midosi, que tanto, ou mais que eu, havia trabalhado nella. Tendo porém convindo em correr-mos aventuras de auctor ; ambos sahimos a público, tanto mais animados, quanto, em caso de desfortuna nos podêmos mutuamente imputar o mau exito da empresa.

www.libtool.com.cn

Ç A T ã O,
T R A G E D I A.

*Representada pela primeira vez em Lisboa, no
Theatro do Bairro-Alto em 29 de Setembro
Anno 1. (1821.)*

ACTORES.

www.libtool.com.cn

Prologo.

CATÃO.

— BRUTO.

— MÁNLIO.

— PORCIO.

— SEMPRONIO.

— DÉCIO.

JUBA.

Senadores, Guardas, Lictores.

Logar da scena-Utica.

PROLOGO. (*)

Hoje, invocando as musas Lusitanas,
Calçando com mão tremula o cothurno,
Venho tímido expor nas scenas patrias
Hum caso atroz da memoranda Roma.

Da Lybia ardente nos torrados plainos
Arquejando vereis a liberdade;
Vela-heis, moribunda soluçando,
Espirar sobre a areia; e inda de longe
Pitar no extremo olhar o Capitolio.
Honra, valor, virtude, exfôrço, e glória
Tudo acaba com ella nesse instante:
Algozes, ferros, asperas cadeias
Da miseranda Roma algemão pulsos.
Mas da patria infeliz o negro opprobrio
Catão não o ha de ver; morre primeiro.
Ve-lo-heis, esse homem, o maior dos homens,
D'homem, de pae, de cidadão deveres

(*) Recitado pelo author na primeira representação.

Desempenhar Romano, e morrer homem.
 Ve-lo-heis tranquillo desafiar a sorte;
 E ainda nos momentos derradeiros
~~Fazer no solio estremecer tyrannos.~~
 Pasmar a terra, e envergonhar os numes.

Da malfadada Roma unica esp'rança,
 Bruto vereis tambem: n'alma agitada
 Ver-lhe-heis furetar c'o a patria a natureza;
 Mas a patria vencer. Odio execravel;
 Desesperado horror na voz, nos labios
 Lhe vem do coração troar vingança.
 Um dia inda virá que o braço ardido
 Quebre d'um golpe os ferros do universo.
 Heroismo, e valor, terror, e espanto
 Só vereis neste quadro sanguinoso.
 Envolta em negro luto a tyra austera
 Só traa sons de morte, e de vingança:
 Em vez dos ais d'amor pullulão, ferver
 Os ais, filhos do horror nas durtas chordsas.
 Ternura, encantos de delicia, é minto;
 Oh! não os esperéis: só falla a patria.
 Em corações, que á patria só conhecem.
 Romanos estes são; mas vós sois Lusos:
 E de Romano a Portuguez que dista?
 Forão livres aquelles; vós sois livres:
 Cidadãos; vós o sois: honfens; sois homens:
 Pelos campos da gloria, e liberdade,
 Onde o Tybre correu, corre hoje o Tejo.

Escrava é Roma! . . . Italia malfadada!
 Oh! que ideias de magoa, e de vergonha
 Não excita este nome! Italia em ferros!
 A patria dos Catões, dos Brutos, Cassio
 Oh! nodoa nos annaes da humanidade!

Oh! quem podesse á historia do universo
Arrancar essa pagina d'infamia!

Mas não; não recordemos taes memorias:
Ou, se as lembrarmos, lembre-nos o exemplo
E atalhemos o mal na origem d'elle.
O ferro de Catão... (Não o de Bruto...)
Tambem sabem meneá-lo os Portuguezes.

E tu, sexo gentil, delicias, mimo,
Affago da existencia, e encanto della,
Oh! perdoa, se a patria te não deixa
O primeiro logar em nossas scenas;
Não esqueceste, não; porem ciosos
São nossos corações de liberdade:
Onde impera a belleza, amor só reina;
Foge, onde reina amor, a liberdade.

E vós, vós todos, assemblea illustre,
Oh! não; não attenteis do vate aos erros.
Arte engenhosa, lucidos talentos
No limitado espirito falloom;
Foi só meu coração quem fez meus versos:
Por elle julgai só. Louvor, e applauso,
Nem os quero de vós, nem os supplico:
Não me levou a empreza tão difficil
O louco amor de passageira gloria.
Vede expirar Catão: dentro do peito
Guardai desse Romano alma, e virtudes.
Se o conseguem meus versos, se me é d'alo
Esse premio alcançar de meus trabalhos;
Audaz, affruto, satisfeito, o pago
Ao resto irei da Europa, e do universo
Louvor, censuras desprezar sem medo.

www.libtool.com.cn

www.libtool.com.cn

C A T ã O,

T R A G E D I A.

ACTO PRIMEIRO.

S C E N A I.

BRUTO, MANLIO.

BRUTO.

Sei tudo, e tudo ouvi sobrejas vezes;
Nem quero ouvi-lo mais. O ceo, que a Roma
Nos pôz columna extrema em seus desastres,
Não quer prantos de nós: valor, constancia,
Virtude, exôrço, os unicos remedios
São dos males da patria. Lamenta-la,
Chora-la em ocio vil é ser covarde,
E' não ser cidadão, não ser Romano;

MANLIO.

Mas ouve...

BRUTO.

Tudo sei : que escrava é Roma ;
 Que o baixo povo : que o mais vil senado
 Folga entre os ferros que lhe doira o crime.
 Que Cesar victorioso tantas vezes
 Ao carro triumphal leva exegrando
 As Romanas virtudes manietadas ;
 Que essa prole bastarda de Quirino,
 Degenerados petos dos Fabricios,
 Espurios filhos, infezado sangue
 Dos Fabios, Quincos, dos Scipiões, dos Brutos,
 Essa turba infiel vendeu contente
 Braços, e coração, virtude, e gloria
 A troço d'oiro vil ; que impera ovante,
 Que exulta Julio sobre a patria em cinzas,
 E sobre o deshonrado Capitolio
 Ousa dictar os fados do universo,
 E em fim d'hum povo rei ser... Não, amigo !
 O termo baixo, e vil, termo execrando
 Entre os labios não cabe d'um Romano.
 Sei tudo ; e tudo n'alma impresso em fogo
 Continuamente me lacera o peito :
 Mas ao pêzo da sorte inda não curvo.
 Tenho no peito coração Romano ;
 E em quanto a espada do tyranno Cesar
 M'o não souber varar... não cedo a Cesar

MANLIO.

Tua nobre constancia admiro, e louvo ;
 E comigo o universo : mas tu mesmo,
 Bruto, o confessas ; só a nós, e a poucos,
 A poucos mais os deuses reduzirão
 Da triste liberdade os defensores.
 Nos quasi abertos, derrocados muros
 D'Utica só nos resta apparo debil.

Por suas brechas sem conto a cada instante
Nos entra a escravidão, nos foge a pátria.
Nossas tropas, reliquias já cançadas,
Já do infeliz Pompeu...

BRUTO.

E d'um tal nome
Não te basta a memória deshonrada
O esquecido valor a excitar n'alma?
Inultos manes, veneranda sombra,
Victima infausta da traição mais barbara!
E o vil, que ousa Romano appellar-se,
Será, Manlio, será?...

MANLIO.

Será da pátria
O tyranno oppressor.

BRUTO.

Elle! Primeiro
Ha de Cação morrer.

MANLIO.

Dois golpes juntos
No seio maternal soffrerá Roma.

BRUTO.

Que soffra mil, e que não seja escrava.

MANLIO.

Ah Bruto! e de que serve o nosso esforço?
Nós poucos, já sem forças que nos resta?
A' pátria agonisante, e quasi extincta
Que podemos fazer?

BRUTO.

Morrer com ella.

MANLIO.

Mas...

BRUTO.

Basta: a arvore a despontar começa.

Pallida, e triste nos conduz a medo
O dia, o dia por ventura extremo
Da nossa liberdade! Oh Roma, oh patria!
Ceos, que o raio guardais, no mundo ha crimes,
Que os de Cesar igualemente Ha malvados,
Cujo horror se emparelha ao d'hum tyranno?
Sim, Manlio, o dia chega; e junto em breve
O senado será: delle dependem,
Elle decidirá nossos destinos.
Teus receios ante elle, os teus temores,
Tua prudencia poderás expor-lhe.
Eu, simples cidadão, tenho hum só voto;
Amigo aconselhei-te a ser Romano;
Romano não te posso ouvir mais tempo.

S C E N A II.

MANLIO so.

Romano! Ideias vans! Já não existe
Essa gloria, esse nome tam famoso.
Tua feroz virtude embalde intenta
Erguer das cinzas a defunta Roma:
Punhal terrivel de civis discordias
O seio lhe rasgou, cortou-lhe as fôrças.
Roma não vive ja: Cesar triumphou;
Potencia infausta lhe sustenta o throno;
Indomavel poder o escuda, o ampara;
Tudo lhe cede: e nós mesquinhos restos
Ao furor escapados de Pharsalia,
Insensatos ousamos... (Ah! debalde)
Pelo phantasma vão da liberdade
Sacrificar as preciosas vidas!..
Porém Sempronio chega. Alma insidiosa!

(11)

E inda fia Catão d'homens como este
Fazer Romanos, e salvar a patria ?

www.filibetool.com.br
S C E N A III.

MANLIO, SEMPRONIO.

SEMPRONIO.

Fallaste com Catão ? Que te disse elle ?
Seu nobre exôrço, amigo, que medita ?
Como pretende ás victoriosas tropas
De Pharsalia, do Egypto, e do universo
Na impetuosa torrente oppor barreiras ?
Como intenta salvar-nos ? Que lhe resta
Para a defeza d'Utica em ruínas ?
Da extincta liberdade que esperanças
Conserva ainda ?

MANLIO.

As de morrer com ella,
E c'o a patria exhalar o extremo alento.
Incapaz de torcer, firme, indomavel,
Não vê, não ouve, não attenta a nada ;
E entanto cresce o mal ; e a cada instante
Foge o remedio.

SEMPRONIO.

Um resta.

MANLIO.

E qual ?

SEMPRONIO.

A Cesar

Ir ao encontro ; suspender-lhe o ferro ;
Salvar a propria vida, e junto ao throno
Seguir os fados do universo inteiro.

Mas Catão?

MANLIO.

SEMPRONIO.

Ah! Catão... E esperas delle

Que attenda ao bem commum, que os sonhos deixe
Da apparatusa *ivan philosophia*;
Que o orgulho dos systemas sacrifique?

MANLIO.

Não, Sempronio; sua alma não conheces;
Não o dirige o orgulho; homem mais simples,
Mas singello, mais chão, menos fastoso,
Que ostente menos, menos se conheça,
E o valor saiba das virtudes suas,
Não creárão os ceos, nem o aureo tempo
Viu de nossos avós na antiga Roma.

SEMPRONIO.

Eu conheço Catão; suas virtudes,
Como tu apprecio; mas que importão,
Que nos podem fazer suas virtudes?
Cesar, amigo, Cesar formidavel,
Que a fortuna encadear soube a seu carro,
E com ella a victoria; que escoltado
Marcha d'immensas, d'aguerridas tropas,
Que á excepção deste pouco da Numidia,
(De poucos palmos de torrada areia)
Ve curvado a seus pés o mundo inteiro,
Cesar em pouco tempo...

MANLIO.

E' necessario

Expor com energia ante o senado
A crise perigosa, em que hoje estamos.
Em breve aqui se ajunta: em vivas cores
Convem pintar-lhe o estado miseravel
Da patria, e nosso; o abysmo onde a arrastamos.

Se, para não quebrar nossa virtude
 Não dobra um pouco ao péz da fortuna,
 Taes são minhas tenções.

www.livrosgratis.com.br

E pensas, Manlio,
 Que ante esses homens, que a cegueira illude,
 Que em Catão vêem seu deus, que existem nelle,
 Que o falso brilho deslumbrou da gloria,
 Que o vão, que o louco amor d'uma chimera,
 A que chamarão patria, e liberdade,
 Antepõe a seus proprios interêsses,
 A's honras, á ventura, á mesma vida,
 Que ante homens taes minhas tenções exponha,
 Que lhe allegue razões, que elles não ouvem?
 Fôra imprudencia, e de nenhum fructo o risco.
 Antes ver-me-has, unindo-me a seu voto,
 De suas illusões vestindo a máscara,
 Enthusiasta orador da liberdade
 Clamar, bradar vingança, guerra, e fogo,
 Ostentar Marcio ardor, Romana audacia,
 E de mim affastar quaesquer suspeitas.
 Nem mesmo aqui, nem mesmo a qualquer outro
 Que tu não fosses, Manlio, a quem d'ha muito
 Alem do sangue uniu sancta amizade,
 Minhas ideias imprudente onsára
 Patentear descuidoso. Em ti confio
 No segredo que exigem.

MANLIO.

Nem duvides:
 Minha prudencia ha muito te é notoria.

S C E N A IV

www.Sempronio10.cn

Miseravel! tua alma incerta, e vaga
 Entre o medo flustua, entre a esperança;
 Nem sabe o que deseja. Ah! não: taes homens
 Nem de grandes acções, nem grandes crimes
 Capazes fez a avara natureza.
 Meus designios porém... Cesar... ah! cumpre
 D'um homem, que aborreço, e que detesto,
 Desse Catão, desse idolo de nescios
 Vingar-me em fim. O plano está formado:
 Executa-lo resta. Alma rebelde,
 Tu me opprimes c'o pêzo aborrecido
 Dessas tuas virtudes! Quanto eu dera,
 E te podesse ver um crime n'alma!
 Mas, de Numidia o principe aqui chega;
 Com elle Porcio vem. Que odio execravel
 Me excita este mancebo! Como affecta
 Do pae o tom sentencioso, e grave,
 A pomposa virtude, o olhar austero!
 Cumpre dissimular, fingir com elle.

S C E N A V.

SEMPRONIO, PORCIO, JUBA.

PORCIO.

Alfim te encontro: ha muito te buscava.

SEMPRONIO.

Eis-me, ó Porcio.

PORCIO.

Abracemo-nos, amigo,
Abracemo-nos, sim, em quanto é dado,
Em quanto somos livres. Ah! Sempronio,
Por ventura á manhan nossa amizade
Desta sorte exprimindo, nos seus braços
Verá cada hum de nós misero escravo.
Mas, que digo? A' manhan! Talvez, amigo,
Este sol, que desponha, a vez extrema,
Venha acclarar de Roma a liberdade.

SEMPRONIO.

Confias pouco nos supremos deuses:
Teu venerando pae, suas virtudes
Inda nos restão.

PORCIO.

Ah! meu pae não ousa
Só por si decidir nossos destinos.
Suas nobres tenções, sua firmeza,
Não podem vacillar hum só momento;
Morrerá, porém livre: mas nem todos
Com a alma de Catão os ceos dotarão.

JUBA.

E quem tão vil será?

PORCIO.

Não sei; mas vagão,
Entre os soldados, entre os chefes mesmos
Murmurios, dissensões. Por esta causa
Neste humilde logar meu pae ajunta
Essas tristes reliquias de Pharsalia,
A que ainda senado appellidamos.

JUBA.

Todo o esplendor da fastuosa Roma,
Toda a sua pompa, gloria, e magestade
Menos lustre, e fulgor, menor relêvo

Dera ao Senado . que a presença augusta
 Do sublime Catão . Sua virtude ;
 Sua virtude só torna sagrado ;
 Legítima , redobra em preço , em numero
 Esse pouco que resta de Romanos .
 Sua virtude só no peito , n'alma
 Dentro nos corações imprime , e grava
 Respeito , adoração ; nutre , avigora
 A constancia , o valor , a audacia nobre .
 Ella só nós da patria moribunda
 Inimigos crueis terror diffunde .
 A seu rigido aspecto Cesar mesmo ,
 Cesar á frente d'invinciveis tropas
 Dessas tremendas , aguerridas hostes ,
 Que os povos do universo aos pés lhe acurvão ,
 Cesar triumphador treme , e vacilla .
 Ah ! se em vez de não dar barbara patria
 Nos torrados sertões da Africa adusta ;
 Me outorgassem os céos nascer Romano !
 Se como tu , podesse , ó caro Porcio ,
 Chamar-lhe pae . . . Ah ! não ; maior ventura
 Não podem nunes conceder na terra .

PORCIO.

Teu coração , amigo , te compensa ,
 Nova patria te dá . Nascer Romano
 E' gloria só quando estremados feitos ,
 Quando a severa , rigida virtude
 O sacro-santo nome desempenhão .
 Do vicio a nodoa , as máculas do crime ,
 Não as podem lavar do Tybre as aguas .

SEMPRONIO.

(á parte .)

(alto :)

Não posso ouvi-lo mais . Porcio , eu te deixo .
 Não tarda que o senado aqui se ajunte :

Antes que unidos venhão nossos fados
Decidir d'uma vez, quero inflamma-los,
E, um por um, excitar suas nobres almas.

www.libtaol.com.cn

SCENA VI.

PORCIO, JUBA.

PORCIO.

Por seus lábios o ceo lhes falle ao peito.
Mas tu, Juba, calado, e pensativo,
Fitas no chão os olhos carregados!
Que meditas?

JUBA.

Ah! Porcio, declarar-te
De minhas reflexões receio a causa.
Um segredo, cruel presentimento
Me faz desconfiar d'este Romano.
Illudo-me talvez....

PORCIO.

Grande virtude

E' a prudencia, amigo; mas não dêmos
A vans suspeitas attenção funesta.
Assás, principe, assás nos sobraõ causas
De dor, e de afflicção; em vão tentamos
Dissimular o horror de tantos males;
Embalde os olhos ao clarão fechamos
Do raio, que fulmina, e que ja troa
Sobre as nossas cabeças. Todo o esforço,
Toda a virtude de Catão não basta
O peso enorme a sustentar do fado.
E que póde elle só contra a torrente
D'um povo inteiro, uma nação de escravos,

B

Que ao jugo correm submeter-se humildes?
 Em Uttica encerrado, triste chefe,
 D'um exército froxo, destroçado,
 Quasi incapaz de merecer tal nome;
 Que pôde elle esperar, que nos sobeja
 Dessa van sombra de senado, e Roma?

JUBA.

De teu augusto pae recorda, ó Porcio,
 A maxima sublime. E' nos vedado
 Dos decretos do ceo sondar o arcano.
 Talvez:.. quem sabe!...

PORCIO.

Não, querido amigo;
 O mais ténue vislumbre de esperança
 N'alma não me entra já. Cada momento
 Vejo esse monstro, que em sua ira os deuses
 Nas entranhas de Roma produzirão
 Para rasgar-lhas parricida filho,
 Para no sangue maternal cevar-se;
 Esse monstro, esse barbaro tyranno
 Nossos muros eutrar, e entrar com elle
 Ferros, escravidão, ludibrio, e morte.
 Morte! Ah! não penses, Juba, que a receio.
 Um filho de Catão, Porcio, um Romano
 Olha contente alevantar-se o golpe,
 Que á patria o sacrifica, o faz eterno.
 Mas, eu sou filho, Juba; e a natureza
 E' mais forte que Roma. Ah! resta ainda
 A coroar o horror de tantos crimes
 A morte de Catão. Tam negra ideia
 Não; não me é dado sem terror fitá-la.
 Como podeis juntar, supremos deuses,
 Tantas virtudes, com desgraças tantas?
 Como soffreis que a barbara fortuna

Ouse . . . Mas , se o soffreis , se ao crime os raios
Retendes froxos na tardia dextra ;
Maior que ella , e que vós seja a nossá alma ;
Seja maior que a magoa o soffrimento ;
De attornentar-nos se envergonhe o fado ;
E se cumpre ceder , cahir t'oa patria ,
Caia nos sim , mas homens , mas Romanos .

FIN DO ACTO PRIMEIRO.

ACTO SEGUNDO.

SCENA I.

CATÃO, MANLIO, BRUTO, SEMPRONIO,
Senadores, etc. etc.

CATÃO.

Padres de Roma, augustos senadores,
Da patria moribunda unico apoio,
Quanto ainda fôlgo de vos ver unidos,
De contemplar em vós esses conscriptos,
Que de sobre o tremendo Capitolio
Repartirão os fados do universo,
E aos reis vencidos, ás nações prostradas
Derão c'ò a espada leis, c'ò as leis virtudes!
Permiti, que a minha alma se demore
Nestas ideias de passada gloria:
Ah! por ventura pela vez extrema
Se me outorga ante vós o recordá-las,
E a derradeira vez góso a ventura
De olhar-vos juntos, e vos ver Romanos.
Sim, ó padres, assás gloria, e renome
Coube a nossos avós; maior nos cabe,
(Não duvideis) maior nos cabe ainda.
Neste humilde logar, entre estes muros,
Quasi cercados d'inimigas armas

Sobre nossas cabeças cada instante
 Vendo troar da tyrannia os raios,
 Sem accurvar ao pêso do infortunio,
 Unidos inda pela voz da patria;
 O senado de Roma é mais augusto.
 Esta patria, ésta Roma o seu destino
 De vós espera agora; a vós só toca
 Decidir de seu fado. Cesar chega.
 Um exército, (sim: o horror do p'riço
 Dissimular não cumpre a vossos olhos,
 Nem diminuir o pêso do sacrificio)
 Um exército forte, victorioso,
 Formidavel o segue. Escassas, poucas
 São nossas forças; debeis os repairos,
 Atenuados os muros, Que nos resta?
 Que nos convem fazer? Como devemos
 Tratar esse homem temerario, ardido,
 Ambicioso, insaciavel? A fortuna
 De seus crimes té qui proteje a infamia,
 Desculpai-me se avivo as vossas chagas,
 Se os horrores vos lembro de Pharsalia.
 Este dia infeliz lhe accurvou Roma,
 E a morte de Pompeu, o Egypto, e Nilo.
 Juba, Scipião cahirão por seu ferro.
 Sobre os areaes ardentes da Numidia,
 Ensopados, fumando em fresco sangue,
 Inda arqueijão talvez Romanos corpos.
 A cubiça d'imperio, que o devora,
 Que lhe incha o coração, lhe ralla o peito,
 Té as mesquinhas, torridas areias.
 Estes queimados, infructuosos plainos
 Da Lybia nos inveja. Agora, ó Padres,
 Dizei: qual é vossa alma, as tenções vossas?
 Inda ousais defender a liberdade?

Firmes inda em morrer, primeiro que ella;
 Inda ousais preferir a morte honrada
 Ao jugo, á escravidão? Ou já cansados,
 Fatigados do peso do infortunio,
 Baixos os corações, curvos á sorte,
 Dispostos vos sentis á... Bruto falle.

BRUTO.

Eu voto a guerra; e a guerra só nos cumpre.
 Que! duvidar na escolha um só momento
 De morte, ou ferros, de ludíbrio, ou gloria,
 Homens, Romanos, senadores podem!
 Nada nos resta mais (bem sei) que a espada;
 Amontoadas legiões Cesar comanda;
 Mas a espada, que temos, é Romana,
 Mas as legiões, que o seguem, vis escravos;
 E póde um cidadão tremer ante elles?
 Poucos somos, mas livres, mas ousados;
 No furor da peleja, quantas vezes
 Um só braço bastou a decidil-la?
 E quantas um só golpe venturoso
 Longas victorias desmentiu n'um dia?
 Uma vida tem só, como os mais homens,
 (Se tal nome lhe cabe) esse tyranno,
 Cesar.... Ah! co'este nome em vossos peitos
 Não ferve a indignação, não pulla o odio?
 Não ouvis esses mares insepultos,
 Cujos honrados, venerandos corpos,
 Pasto deixado nos areaes da Lybia
 Porão aos monstros do aspero deserto?
 Não lhe ouvis os clamores de vingança?
 Mais de metade do senado augusto,
 De que vós só restais, lá jaz com elles;
 E este mesmo senado inda duvida,
 Pausado agita, frio delibera

Sobre a causa da patria ... Ah não , ó padres;
 Não vale em lances taes razão, prudencia:
 Só produz o enthusiasmo as acções grandes.
 Ei-los, nossos irmãos, sagradas victimas,
 Ei-los, bradando de Pharsalia ainda!
 Que as chagas roxas do rasgado peito
 Nos appontão, nos mostrão, nos excitão,
 Vêde-a, do grain Pompeu a sombra inulta,
 Vêde-a, como nos fita despeitosa,
 Como a troar da maldição os raios
 Quasi prompta... Ah! mas vós, vós sois Romanos.
 Em vossos corações ja vejo a patria,
 Ja leio em vossos olhos a victoria,
 Ah! corramos amigos. Que mais resta?
 Que temos a esperar! A gloria, o' padres:
 Não esperemos que o inimigo ousado
 Venha em nossas muralhas atacar-nos;
 Nós mesmo iremos, nós, o ferro em punho,
 Por entre essas indomitas phalanges
 Lenga-abriremos sanguinosa estrada,
 Senão para a victoria, que nos foge,
 A' gloria ao menos de espirar Romanos.

CATÃO.

Bruto, esse furor não é Romano.
 Cumpre exfôrço, valor, constancia rigida,
 E não temeridade. Entre as virtudes,
 E o vicio occulto, que lhes veste a máscara,
 Pôz eterna barreira a natureza,
 Se a venda das paixões nos cega os olhos,
 Seus termos, seus limites confundindo;
 Vícios, virtudes indifferente abraça
 O espirito agitado; e em seu delirio
 Crimes perpetra por acções de gloria.
 Distingui-les, amigo, e a face augusta

Da virtude estremar do vicio occulto,
 Obra é só da razão: só della nasce.
 O nobre enthusiasmo, o patriotismo;
 Que audaz mas firme, ardido mas prudente,
 Raios não troa, mas não teme os raios,
 Prigos não busca, mas não teme os prigos.
 Este valor, amigo, esta ousadia
 Foi o dos Brutos, dos Scipiões, dos Fabios,
 Este é só da razão, só é Romano.
 Esses honrados companheiros nossos
 Por tanta cicatriz ennobrecidos,
 Que a espada tantas vezes empunhárão,
 Tanto sangue esparsirão por seguir-nos.
 Por defender da patria a sancta cauza;
 De suas vidas acaso a mesma patria
 Não confiou a nós cuidado, e guarda?
 E ousaremos assim por vão capricho
 A' nossa gloria van sacrifico-los?
 E entre as cohe-tes do feroz imigo
 Jr nós mesmos, mais barbaros do que elle,
 Tingir-lhe as lanças de Romano sangue?
 E Roma que dirá? E o mundo inteiro
 Não clamará que barbaros, que insanos,
 Só nos guiou frenetico delirio?
 Que mais de nossa gloria cubiçosos,
 Do que fiéis á della, a nossa morte
 A de mil cidadãos oustára a Roma?
 Que prodigos do sangue de seus filhos,
 Vaidosos, sem piedade o derramámos
 Por fazer nossa queda mais brilhante?
 Não, padres, não vos cegue a falsa pompa
 Dêsse heroismo vão: sejamos homens;
 Que homens somos, primeiro que Romanos.
 Manlio, os teus sentimentos livremente
 Expõe agora.

MANLIO.

A grandes desventuras

Nos reservarão despiadosos fados.
Infeliz quem, no choque tumultuario
De civis dissensões, o pôz a sorte
Ao mui difficil leme do governo.
Nesse arriscado, perigoso empenho
E' dos desastres o menor a morte.
Das marulhosas vagas açoutada
Vacilla a nau do estado; e é força em breye,
Se lhe não accalmar contrario vento,
Nas sorvedouras syrthes affundir-se.
Embora empregue sabedoras artes
O piloto infeliz; que hão-de imputar-lhe,
Hão-de fazer-lhe da desgrça um crime.
Erra de orgulho, falha de vaidade
Quem presume guiar com mão certa
O tropel desvairado, e tumultuoso
D'uma revolução. Rebenta subito
Em turbilhões torrente impetuosa;
Que arrastra, e leva planos, e projectos;
E c'o homem que os urdiu, os roja ao abysmo.
Conseço, o'padres; timida a minha alma
Não sita sem horror tam negras scenas.
Pela patria morrer sei que é virtude;
Mas pede Roma a caso a nossa morte?
Pode-lhe ella atrazar um só momento
A inevitavel quêda? O nosso sangue,
No mar da escravidão gota invisivel,
Adelgaçar-lhe os ferros, que a agrilhoão?
Derrubando as columnas vacillantes,
Que o edeficio ruinoso escordo
Da Lacia liberdade; essas ruinas
Não desabão mais presto ao precipicio?

Co'a nossa morte Cesar satisfeito
 Hade a espada embainhar, depor o sceptro?
 Ser-lhe-hão degraus para descer do throno
 Os cadáveres nossos? Não, o' padres;
 De taes futuros não me illude a esp'rança.
 Pesa a severa mão d'alta justiça
 Sobre o orgulhoso collo dos Romanos:
 Da nossa liberdade o altar cruento
 Na alheia escravidão foi cimentado;
 Livres, fomos lançar grilhões ao mundo,
 E as temerosas aguias desferirão
 O vôo assustador do Capitolio
 Ao sôpro da ambição. São esses ferros,
 Com que os povos da terra agrilhoámos,
 Que hoje revertem para os pulsos nossos,
 Tarde ou cedo reduz justo castigo
 Povo conquistador a povo escravo.
 Quem atropela as leis da natureza
 Não deve os foros seus gosar tranquillo,
 E sempre, . . . Mas, o horror de nossos crimes
 Basta de recordar; cumpre ameigar-lhe,
 E não exacerbar da patria as dores,
 Cesar vence, e triumphá; e ao mundo inteiro
 Utica resta só. E Utica póde
 Salvar o mundo? Não. Alligeirar-lhe
 A certa escravidão? Sim; póde, e deve.
 No naufragio geral uma só taboa,
 Que se possa afferrar, conduz ás vezes
 (Embora moribundo) á praia o nauta;
 E o que frou dos braços vigorosos
 Experto nadador sua esperança,
 Mais vezes inda cança, esvai-se, e morre.
 Toca-vos escolher. Voto, que a Cesar
 Se envie legação, paz se proponha;

Vejamos se um trattato pôde ainda
As reliquias salvar da liberdade;
Ou antes, embotar á tyrannia,
Pouco que seja, o gume assacalado:
E'morta Roma, sim... morta de todo:
Aos fillos orphãos salve-se-lhe ao menos
Um retalho sequer da patria herança,

Bruto,

Acabaste?

MANLIO,

Acabel

BRUTO.

Ves este ferro?

Romanos como tu igual resposta
De mim só levão.

CATÃO,

Temerario, um ferro

Arrancas nestes sitios! Ao senado

Este o respeito? Assim a magestade

Acatas da republica? Lictores,

O insensato expulsaj; não mais profane

Tam sagrado logar,

MANLIO,

Eu lhe perdoo,

CATÃO,

Mas não perdoa Roma. Nas cohortes

Sirva raso peão, em quanto ainda

O castigo cabal dar a seus crimes

A'curia não appraz.

BRUTO,

Humilde ob'deço

A's vozes de Catão.

CATÃO.

A's do senado.

BRUTO.

O senado? . . . Pois sim; que me castigue.
Tudo póde tirar-me; a mesma vida,
Menos do coração alma Romana.

www.libtool.com.cn

S C E N A II.

CATÃO, MANLIO, SENPRONIO, *Senadores*, &c.

MANLIO.

Impetos juveniz: alma de fogo
O cerebro lhe escalda.

CATÃO.

Manlio, agora

Ja nos não ouve Bruto . . . As razões tuas . . .
Eu tãobem sou Romano, . . mas sou homem;
Responderei sem ferro. Tu pertendes
A ti proprio illudir-te. Queres inda
Do precipicio ás bordas escarpadas
Não lhe ver todo o horror. Ja vais de rôjo
Pelo despenhadeiro, e cuidas inda
No meio da calhida sagurar-te?
Enganas-te: é forçoso ás fauces delle,
Ou de salto atrevido alem transpor-se,
Ou sem recurso baquear-lhe ao centro.
E' uma, é uma só a liberdade,
Indivisivel sempre; se um só ponto
Roubar-lhe intentas; eila que te foge
Para mais a não ver. Roma (tu dizes)
Não quer a nossa morte: não por certo.
Porém que ideia fórmás tu da vida?
Vivem acaso em ferros os Romanos?
Não morre o homem quando vive escravo?
E quem te diz que o orgulho d'um tyranno,

Que imagina, um dom seu deixar viver-te,
 Não hade nu'm momento de capricho
 Da dadiva enfastiar-se, e num só golpe
 De ferreo sceptro reduzir-te ao nada?
 E vida tal apprecia-la podes?
 Tam precaria, miserrima existencia
 Vale o momento de morrer com honra?
 Votas, que a Cesar legação se envie:
 Quero que a acceite, quero que inda possas
 Co'esse phantasma vão d'um vão trattado
 Salvar isso, que chamas as reliquias
 De nossa liberdade. Que cegueira!
 Libras sobre a palavra d'um tyranno
 De liberdade esp'ranças! Tu confias
 Thesouros de valor nas mãos do avaro?
 Que fé pode guardar quem fés quebranta?
 Que trattados manter quem leis despreza!
 Roma não tinha leis quando Tarquinio
 De cidadãos Romanos fez escravos?
 Phantasmas esses são de liberdade,
 Que, nem phantasmas, mais do que horas durão.
 Todo o veo da illusão se rasga em breve,
 Cai-lhe o postiço manto mal seguro,
 E em todo o horror da morte se descobre
 Da escravidão o livido esqueleto.
 Não: de remedios taes eu não confio:
 Ou liberdade, ou morte: eis o meu voto,

S C E N A - III.

CATÃO, MANLIO, SEMPRONIO, PORCIO.

www.Senadores.com.cn

PORCIO.

A's portas da cidade se appresenta
Embaixador de Cesar: pede audiencia.

SEMPRONIO:

De Cesar!

MANLIO:

Ei-lo a paz que vem pedir-nos.

CATÃO:

Ou traga guerra, ou paz: entre, e se escute.

S C E N A IV.

CATÃO, MANLIO, SEMPRONIO, *Senadores*:

MANLIO.

Queres ouvi-lo?

CATÃO.

E por que não?

MANLIO.

Discorda.

Condescendencia tal dos teus principios.

CATÃO.

Principios meus! Os da razão só tenho.

E' dever escutar aos homens todos.

Enthusiasta não sou: e da virtude

Anda sempre mui longe o fanatismo.

S C E N A V.

CATÃO, MANLIO, SENPRONIO, DECIO.

MANLIO.

E' Decio o embaixador.....

CATÃO.

Decio: que vejo!
Um senador Romano! Oh vista indigna!

DECIO.

A Catão saudar Cesar envia

CATÃO.

Catão não vejo aqui, vejo o senado.
Eu Cesar não conheço.

DECIO.

Invicto, e grande,
Triumphador do mundo a ti me envia.
Suas hostes emfrente destes muros
O signal só aguardão da peleja,
Antes o da victoria. Mas prezando
De Catão as virtudes, Cesar treme
De ficar vencedor a vez primeira.
No accurvado universo és tu somente
Quem ao poder resiste do seu braço.
Por tal competidor d'orgulho ufano
Teme acabar sua gloria n'um triumpho.
Triumphar de Catão, Cesar deseja
Mas não co'a espada. Generoso outorga
Aos companheiros teus por teu respeito
Amnistia geral: dadiva tanta
Por condições só tem, Catão amigo.

CATÃO.

Diceste?

(32.)

DECIO

Disse.

CATÃO.

Julio nada envia
A dizer ao senado?

DECIO.

Nada.

CATÃO.

Parte.

DECIO

Mas

CATÃO.

Ja to disse: eu Cesar não conheço.

DECIO.

Catão, ouve um momento. Os teus amigos
Queres sacrificar? Queres tu mesmo
Desafiar do vencedor as iras?
Quando elle generoso vem propor-te
A desejada paz, nem ouvir queres
As condicções

CATÃO.

As condicções são éstas.

Desarme as legiões, deponha a purpura,
Abdique a dictadura, a classe torne
De simples cidadão, e humilde aguarde
Do senado a sentença. Então eu mesmo,
Quanto inimigo fui, cordeal amigo
Seu defensor serei: por elle em Roma
Minha voz prompta sempre aos infelizes
Heide erguer, supplicar; e de seus crimes
O perdão alcançar, volvé-lo á patria.

DECIO.

Mas ve que

(33)

CATÃO.

Nada vejo.

DECIO.

Acaso ignoras

Quem Cesar nomeou á dictadura?

Qua o senado de Roma?

CATÃO.

Esse senado

E'vil rebanho de mais vis escravos;

Nem ás margens do Tybre existe Roma.

Eu, e os que vês, nós somos o senado;

E em nossos corações é que está Roma.

Dizei, ó padres, ao tyranno Cesar

Votais a guerra, ou paz?

Todos (*excepto Manlio*)

Guerra.

CATÃO.

Ouviste?

DECIO.

E vós, que vos chamais os paes de Roma,

Os dias de Catão, em nada os tendes?

Tam preciosa vida

CATÃO.

A minha vida

E'a vida de Roma; e os meus dias

Vinculárão os ceos aos dias della.

SEMPRONIO.

E com que audacia tu, com que suberba

Contas assim tam certo co'a victória?

Com tal despejo, tão seguro fallas,

Como se a todos nós já sobre o campo

Víras extinctos, ou em ferros víras.

Ja supplices nos cres aos pés de Cesar?

Ja por escravos teus nos imaginas?

De nossas forças quem te disse o estado?
Temos armas, e braços de sobejo,
Que essas suberbas legiões rechassem.

www.libcatlo.com.cn

Um Romano, Sempronio, nunca mente.
Decio, não temos nada: debeis, poucos,
Moribundos soldados nos defendem.
Frageis muralhas entre nós, e a morte
Intermeião apenas. Pouco resta.
Para a espada de Cesar. Mas não julgues
Tam facil assim mesmo essa victoria.
Em quanto aqui não resfriar de todo
No sangue de Catão, de Roma o sangue;
Em quanto a dextra a segurar um ferro,
Em quanto os labios a bradar vingança
Ne deixarem os ceos.... só, desvalida
Não ficará de Roma a liberdade.

FIN DO ACTO SEGUNDO.

www.libtool.com.cn

ACTO TERCEIRO.

S C E N A I.

BRUTO, DECIO.

Não aporries mais: eu não recebo
Mensagens d'um tyranno.

DECIO.

Se souberas

O que encerra esta carta....,

BRUTO,

Emcerre embora

Os thesouros do mundo. Eu não a acceito.

DECIO.

Bruto, dá-me attenção: do teu amigo....

BRUTO.

Amigo tu!

DECIO.

Outrora mo chamavas.

BRUTO.

E quanto me enganei!

DECIO.

E eu que esperanças

Não concebia das virtudes tuas!

BRUTO.

Tufallaç em virtudes!... tu!....

DECIO.

E pensas

Tu, de Catão discípulo orgulhoso,
Que avara a natureza os seus thesouros
Só os gastou com vósco; e aos outros homens..

BRUTO.

Homens!... Homens sois vós?

DECIO

Mui falsa ideia

Fizeste da virtude; amena, e doce,
Não aspera, selvagem, desabrida
A creação os ceos: ao peito humano
Foi dadiva, e mercê, não foi castigo:
Nem é de fera o coração do homem.

BRUTO.

E eu, por que homem sou, não quero ouvir-tê.
Essa arte insidiosa, enganadora,
Parto da escravidão, e da baixeza,
Que eloquencia chamais, ignoro-a, odeio-a;
Não a sei praticar, não quero ouvi-la.
Quando nossos avós, austeros guardas
Da patria liberdade, se oppuzerão,
A que artes Gregas na severa Roma
Ousassem metter pé; esses Romanos
Bem lhe entreviã males encubertos
Na apparente belleza. Vãos enfeites
Natural formusura abafão, cobrem
Da singellez da candida verdade.
Poetas, oradores destruirão,
Effeminarão o viril aspecto
Da Romana virtude. Aos homens todos
Lhes deu um livro só a natureza,
O proprio coração.

(37)

DECIO.

E nesse livro

Achas ferocidade uma virtude?

BRUTO.

N'uma palavra só, questões deixemos;

Essa carta é de Cesar? Não a accetto.

DECIO,

Vê o que fazes :librão nesta carta

Talvez futuros fados dos Romanos.

BRUTO.

Como!

DECIO.

Ouve: de Catão (bem o conheço)

Temes a rigidez? Pois bem: a elle

Vai tu mesmo levá-a: elle que a leia.

S C E N A II.

BRUTO só

A Catão.... esta carta... E eu recebi-a!....

Não me illudes, escravo: ei-la, que a rasgo.

Que faço!... ella de Roma encerra os fados.

Que importa! encerre os fados do universo.

E'd'um tyranno: rasgo-a.

S C E N A III.

BRUTO, CATÃO,

CATÃO.

Bruto?

BRUTO.

Oh deuses!

(38)

CATÃO.

Que fazias aqui ?

BRUTO.

Eu esta carta . . .
Não a quiz . . . resisti . . . foi quasi á força . . .
Começada a resgar . . .

CATÃO.

A estes sitios

Como ousaste voltar ? com que licença ?

BRUTO,

Ordens do centurião . . .

CATÃO.

Que carta é essa ?

BRUTO.

Decio . . .

CATÃO.

Decio !

BRUTO.

Dê Cesar . . .

CATÃO.

Que pouço !

BRUTO.

Ah . . .

CATÃO.

Dá-ma,

(le)

» Cesar a Bruto. O coração não soffre

» Occultar-te mais tempo o arcano (oh deuses !)

» Dos vinculos . . . que me unem (ceos !) a Bruto.

» Tu . . . és . . . meu filho . . . saberás o resto

» Nos braços paternaes . . . vem, vem, meu filho,

» Ajudar-me a reinar sobre o universo. »

(silencio longo)

BRUTO.

Perfido! mente. Eu filho d'um tyranno!
Este sangue...

CATÃO.

www.LivrosCesar.com.br (silencio)

BRUTO.

E' Romano... (quer ferir-se com a espada)

CATÃO.

Filho!... Tu és meu filho... (tirando-lha)

BRUTO.

Pae!... Não; outro

Deuses, deuses cruéis! não podeis dar-mo.

CATÃO.

Sim, sim; eu sou teu pae: de tenra infancia

Como a filho (e que filho!) te amei sempre.

Eu te formei essa alma de Romano,

Que lagrimas... oh! lagrimas de gosto

Me faz verter agora. De teus dias

O segredo occultei, em quanto o pude.

BRUTO.

Que! filho eu sou?

CATÃO.

De Cesar. (silencio)

BRUTO.

Dá-me o ferro.

Dêste sangue uma gota, uma só gota

Não, não deve ficar sobre o universo.

CATÃO.

Basta: meu filho és, filho de Roma!

Teus paes são estes:

BRUTO.

Cesar.

CATÃO.

E' um monstro.

BRUTO.

Mas....

CATÃO.

Não é crime o acaso. Ouve-me, Bruto,
 Ninguém ao despontar da juventude
 Annunciou talentos mais brilhantes,
 Do que Julio mancebo. Na sua alma
 De Romana grandeza, de virtudes
 Desenvolvia o germe esperançoso.
 Que tam mal prosperou, que tanto soube
 Illudir-nos, cegar-nos. O perverso
 Só se valeu dos lucidos talentos;
 Que em dom fatal lhe deu a natureza,
 Para os fazer servir a seus projectos
 D'avareza, ambição, de tyrannia.
 Em quanto a van grandeza de sua alma
 Nos fascinava os olhos; entretanto
 Que de suas virtudes mentirosas
 Nos deslumbrava a candidez fingida;
 Manhosa serpe no dobrado peito
 A peçonha nutria de seus vícios:
 No refalsado coração lhe ardia
 A negra tocha de execráveis crimes.
 Do popular favor já precedido,
 Caro a patricios, a plebeus, e a grandes,
 O idolo de Roma era então Cesar.
 Todos nelle agouravão firme esteio
 Da patria, que d' então já começava
 A baichar de valor, cahir de gloria.
 Confeço: eu próprio me ceguei com elle:
 Amei-o... amei-o tanto como a filho.
 Como a meu coração, minha pousada
 Franca sempre lhe foi... E o monstro... o monstro
 Fingia amar-me; parecia, ao vê-lo

Nomear-me seu pae tam docemente.
Que me adorava o perfido.— Servilia...
Oh lembrança de magoa, e de tormento!
Servilia, ~~minha irmã~~ por essas eras
Dava mate ás bellezas mais falladas
Da capital do mundo: Pura, e simplez
Sua alma era mais candida do que ella.
O coração, que o rosto debuxava,
Era a mesma innocencia. Viu-a o perfido;
Viu-a; attractivos tantos o prendêrão.
Sem dó de mim, sem mágoa da innocente.
Intentou seduzi-la, e deshonorá-la.
Poupa-me o resto, ... A timida donzella
Inexperta cahiu no laço indigno.
Dêsse horroroso amor tu foste o fructo;
E a victima infeliz nas ancias cruas
D'algoz remorso definhou em breve.

BRUTO,

E elle?

CATÃO.

Abandonou-a.

BRUTO,

E tu?

CATÃO.

Eu pude

Vencer comigo o não morrer de pejo...

BRUTO.

E esse monstro é meu pae?

CATÃO.

Gerou-te.

BRUTO.

Oh deuses!

CATÃO.

Deves-lhe o dom mesquinho da existencia.

Eu fui quem te eduquei; tu és meu filho;
Para os foros de pae ha mais deveres;
E quem nunca os cumpriu, pae não é esse.

BRUTO.

Mas... filho delle...

CATÃO.

Filho és só de Roma.

BRUTO.

Devo...

CATÃO.

Ser cidadão

BRUTO.

Elle....

CATÃO.

Um tyranno.

E' algoz. não é pae.

BRUTO.

Oh Roma, oh Roma!

CATÃO.

Aonde vais?

BRUTO.

Aonde?

Vou desafiar de Cesar os fureres;
Vou lançar-me por entre as hostes suas;
Procurá-lo, buscar-lhe á espada o gume;
Guiar-lha ao coração, mostrar-lhe o peito,
Onde deve ferir: o sangue impuro,
Que delle recebi, elle que o verta;
E, se o crime o fez pae, o crime extinga
O titulo odioso, o nome horrivel.

CATÃO.

E Roma?

BRUTO.

Ah! Roma...

Manda-te que vivas.
Catão em nome della é quem to'ordena.
Adeus.

www.libtool.com.cn

S C E N A IV.

BRUTO so.
Ordena-o Roma, ... sim: eu vivo.
Mas este sangue ... Oh sangue abominavel!
Em sacrificio á morte estás votado.
Um de nós ... negra ideia! ... Oh natureza,
Quando a patria folgar ... Ah! geme embora.

S C E N A V.

BRUTO, SEMPRONIO, JUBA.

JUBA.

Viste Decio?

BRUTO.

Ochala que nunca o vira.

JUBA.

Porque?

BRUTO.

Não sei: adeus.

S C E N A VI.

SEMPRONIO, JUBA.

JUBA.

Que enigma encerra

Este ditto de Bruto? Ah! talvez...

SEMPRONIO.

Tudo

Te faz desconfiar ! Príncipe, deixa,
 Deixa uma vez o genio suspeito.
 Não; não vacilles mais: quanto te hei ditto
 E' certo; bem o vês. Trama insidiosa
 Em Uttica se fôrma. Esses malvados
 Do dia ao fenecer querem as portas
 Abrir ao dictador; e no tumulto
 Catão assassinar. Da vil perfidia.
 Os covardes authores bem ao certo
 Não os conheço. Que imprudente eu fôra.
 Em circumstancias taes fazer patente
 Ao senado, a Catão minhas suspeitas;
 Príncipe, bem o vês. Desconfianças,
 Incerteza cruel acabarião-
 De desunir de todo os pobres restos
 Da agonisante Roma. Tu conheces
 De Catão a franqueza. Em meio aos prigos
 Nada sabe temer, nada receia.
 A politica sua aberta, e franca
 E' tal como a sua alma: os seus projectos
 Patentes sempre são. Ignora, odeia
 Essa que chamão arte de govêrno.
 Mas ah! quam mal os deuses collocarão.
 Neste universo d'hoje homem tamanho!
 Os seculos de crime, em que vivemos,
 Nem delle dignos são, nem elle é delles.
 Cercada de artificios, de maldades,
 E' fôrça que a virtude lhes succumba;
 Se artificios tambem (Que os ha com honra)
 Não souber cautellosa oppor-lhe a tempo.

JUBA.

Perdoa-me, Romano: ah! de tua alma
 Outrora eu duvidei. Tuas virtudes,
 Injusto, apreciá-las não as sube.

Amigo, tens razão: por tua bôca
Falla a prudencia. Ah! dize-me, acconselha-me
O que devo fazer; de que maneira
Cumpre atalhar a ~~barbara~~ perfidia?
Minha espada, meu braço, as minhas tropas,
Tudo está prompto: falla.

SEMPRONIO.

Antes de tudo,
Inviolavel segredo é necessario.
Nem Porcio, nem Catão, ninguém o saiba;
Ou baldamos trabalho,

JUBA.

Mas, . . .

SEMPRONIO.

Depende

Todo o exito daqui. Dá-me a tua dextra:
Ninguém . . .

JUBA.

Morre comigo o meu segredo.

SEMPRONIO.

Pois bem. As portas velão do Occidente
Soldados teus. Romano algum com elles
Não vigia esta noute. Mal comece
A engrossar-se o crepusculo da noute,
Caladamente com tuas tropas marcha
A embuscar-te detraz daquelles combros.
Que á esquerda vês não longe da cidade.
Dalli, quando seguras avançarem
Do dictador as hostes, repentino
A rectaguarda subito lhe cortas:
Em tanto nós á frente os atacamos;
E o que julgão victoria inevitavel,
Ser-lhe-ha talvez miserrima ruina.

JUBA.

Amigo, amigo! oh ceos! que grão ventura.
Se Roma eu posso libertar ainda;
Se os dias de Catão salvo ditoso;
Se esse monstro, esse horror da natureza,
Esse tyranno Cesar posso eu mesmo
C'o este braço immolar aos patrios manes!
Oh! meu pae, oh! dirige o golpe ardido,
Leva-lho ao coração dêsse malvado!
Holocausto d'asperrima vingança,
Oh Cesar, eu te voto ás sombras negras
Do averno... que os tormentos ja prepára,
Das furias, que os açoutes ja sacodem...
Vamos, amigo vamos...

SEMPRONIO.

Mais prudencia,
Mais sangue frio é necessario, ó principe:
Porcio para aqui vem: disfarça, occulta;
Ou perdido verás...

JUBA.

Nada receies

S C E N A VII.

SEMPRONIO, JUBA, PORCIO.

PORCIO.

Caro principe...

JUBA.

Amigo

PORCIO.

Em fim os deuses

Decretário de Roma; e o fado iniquo
 Aos dias de Catão... Ideia horrivel!
 Oh! não; não te verei dia de magoa:
 Não tenho coração, que soffra tanto.
 Antes que ouse attentar aos dias d'elle,
 Primeiro neste peito a morte crua
 Hade ensaiar o golpe. Sim, primeiro...
 Sim venerando pae; ao reino escuro
 Eu te irei esperar: meus tristes olhos
 Não te hão-de ver no instante derradeiro
 Fitar ainda a moribunda Roma;
 Nem ja por entre os labios descorados
 Ainda sussurrar da patria o nome,
 Principe, um não sei que me diz ao peito
 Que este adeus é talvez o derradeiro,
 Que me é dado dizer-te. O meu amigo,
 Cá te deixo inda mais do que a minha alma.
 Um pae, Juba, e que pae! Oh! não o deixes;
 Oh! não o desempares um momento.
 Tu conheces Catão: sua alma nobre
 Não se deixa vergar; seus pulsos livres
 Não soffrerão grilhões; e o braço firme
 Primeiro ao coração... caros amigos,
 Oh! se podeis, rettende-lhe esse golpe;
 Oh! lembrai-vos de Porcio nesse instante;
 Recordai-vos da patria... Ah! que essa patria
 E'quem mo rouba, é quem mo sacrifica.
 Não, tyranno; que és tu... oh Cesar, Cesar!
 Oh malvado! este ferro inda é Romano.
 Juba, Sempronio... adeus.

JUBA.

Não, caro Porcio;
 Não vejas detam perto esses horrores.
 Tenho esperança ainda... E tu, Sempronio

Comigo não a tens?

SEMPRONIO.

Príncipe!

www.libtccn.com.cn

JUBA.

Amigo,

Tão bem um não sei que me diz ao peito,
Que hão-de nossos destinos melhorar-se,
E que ainda de todo os sanctos deuses
De sobre nós a dextra omnipotente
Despiedados, crueis não retirarão.

PORCIO.

Inutil esperança!

JUBA.

Os ceos são justos,

PORCIO.

São justos! Ah! são justos; e a virtude
Abandonão assim, assim do crime
Escrava a deixão soluçar nos ferros!
Oh deuses, se quereis que vos adorem,
Se incenços de mortaes, se humildes rogos.
Se victimas quereis, se altares, templos;
Fazei-vos conhecer, mostrai-vos numes:
Amparai a virtude, e aes vossos raios
O impio descobre só, trema o malvado.

FIM DO TERCEIRO ACTO.

www.libtost.com.cn
ACTO QUARTO.

S C E N A I.

MANLIO, *Soldados, alguns presos, &c.*

MANLIO.

Oh cúmulo de horror! Oh gente indigna!
Restava ainda esta noção esta vergonha
Para enfeiovalho nosso! Roma! oh Roma!
Ahi tens os teus heróes. Catão, são esses;
Ei-los, da liberdade os defensores!

S C E N A II.

BRUTO, MANLIO, *soldados*.

BRUTO.

Perfidos!... Ah! covardes!... Mas tu, Manlio!
Tu com elles tambem!... Não me enganava,
Não me illudia eu. Indigno, agora,
Agora nós veremos se essa espada
Como a lingua tu sabes!...

MANLIO.

Bruto, ainda
Esse louco furor não moderaste?
Impetuoso mancebo, enfreia as iras;
Sê homem uma vez,

S C E N A III.

CATÃO, BRUTO, MANLIO, *soldados*.

www.libtool.com.cn

CATÃO.

Filhos de Roma,

Que é isto? que fazeis? que intento é o vosso?

Rebeldes vós, traidores os Romanos!

Manlio, Bruto, fallai: que insanía é esta?

O traidor onde está? quem é? dizei-mo.

BRUTO.

O traidor?... esse infame....

CATÃO.

Bruto!....

BRUTO.

E' Manlio.

CATÃO.

Manlio eu conheço: basta; não insultes

Com vil suspeita um senador Romano.

Mas, Sempronio onde está? Juba? meu filho?

BRUTO.

Não sei: eu no tropel embaralhado

De fugitivas tropas, dos rebeldes,

De combatentes, mortos, de feridos;

Nada vi, nada sei; só sei que a espada

Sobejos imolou á liberdade.

Só vi covardes peitos, que ferisse.

A vingança, o furor, a ira, as fúrias

Só para o ferro me deixarão olhos.

Rápido foi o choque, mas cruento;

Jaz socegado enfim: os vis traidores,

E dé Cesar as tropas, que os seguirão,

Ou salvarão co'a fuga as torpes vidas,

Ou presos jazem, ou no campo mortos.

CATÃO.

Manlio, mas tu!... tu emmudeces? falla.

Mata-me esse silencio.

www.livros.com.cn

O meu silencio!....

Ah! deixa-mo, Catão! Oh! não desejes

Ve-lo quebrado.

CATÃO.

Que! Porcio? meu filho?..

Acaso?!

BRUTO.

Porcio! Combateu comigo;

E combateu Romano. A sua espada

Ao meu lado, mil golpes desferia,

Que invejára Scipião.

CATÃO.

E Juba?

BRUTO.

Juba....

Não me lembra de o ver.

CATÃO.

Que escuto!.. Manlio,

O principe?....

MANLIO.

Ah! não falles nesse monstro;

Foi traidor como um barbaro,

BRUTO.

Elle!... O sangue

Não desmente das obras. Um tyranno,

Quando deixa de o ser, é sempre escravo.

CATÃO.

Ceos, guardaveis-me ainda o golpe accerbo

Para o meu coração!... Fado inimigo,

Não; não consegués abalar-me o peito.

É Sempronio ?

MANLIO.

Pois que ? Ignoras inda
Que o author da traição foi esse infame ?

BRUTO:

Sempronio ! Ha poucas horas á mim mesmo
Se me gabou que ousára no senado
A Decio desafiar, e que...

CATÃO

Apprende ;
Bruto, dahi a conhecer os homens.
O valor verdadeiro não se uffana ;
Não blasona atrevido, A espada cinge ;
Mas só no campo de que a tem se lembra ;

MANLIO.

Ah Catão ! dize agora ; que esperanças
De Roma tens ainda ?

CATÃO.

Eu tenho as mesmas ;

MANLIO.

As mesmas !

CATÃO.

Sim ; as de morrer com ella.

BRUTO.

Mas primeiro inelar ao negro averno
Em holocausto, perfidos, tyrannos.

CATÃO

Vingança ! E para que ? que dás á patria
Nesse holocausto inutil ?

BRUTO.

Tu lhe chamás

Inutil ? O atro sangue d'um tyranno
Sobre o altar esparzido á liberdade
Inutil póde ser ? A mão ditosa

Que o ferro embebe no malvado peito,
 Que lhe descose as perfidas entranhas,
 E vai ao coração buscar-lhe a vida,
 Para cortar-lhe o fio negregado.
 Não é mão d'um heroe? Ha sacrificio,
 Que appraza mais aos deuses justicços?
 Oh! que ha vingança, que tambem é numen,
 Da liberdade a arvore não cresce,
 Se a não regar dos despotas o sangue.
 Embora a plantes, não lhe vês o fructo:
 Hade te ir definhando a pouco, e pouco,
 E da heivada raiz hão-de brotar-lhe
 As parasitas plantas, que mui breve
 Gigantes crescerão, e hão-de assombrar-te.
 Vingança! — Eu sempre vi esses Romanos,
 Raios da patria, esmeros de virtude,
 Imitados por ti, por ti citados,
 Sempre os vi abrazados de ira sancta,
 O cutello da lei brandindo ao crime,
 Ferir sem dó, e derramar sem pena
 O sangue dos malvados, que attentavão
 A' magestade angusta da republica.
 Mais nomes não direi: Bruto...

CATÃO.

E que sangue
 Bruto esparziu? qual foi sua vingança?
 De sua voz aos brados formidaveis
 Fugiu de Roma a tyrannia, o crime.
 E essa voz, que troou no Capitolio,
 E que hade eterna ressoar no mundo,
 Que os vis Tarquínios expulsou de Roma,
 Os braços não armou, não ergueu ferros
 Para lavar dos despotas no sangue,
 Os crimes desses monstros. Sua espada

Só desembainhou para affasta-los.
 E não para feri-los: nesses tempos
 (Eras ditosas, que não mais veremos!)
 A Romana altivez, o nobre orgulho
 Perdoava generoso, e desdenhava
 De enxovalhar o ferro em sangue indigno.
 Sangue correu então; mas qual? Seu proprio.
 Seu proprio ás mãos do algoz jorrou na terra,
 Quando os filhos indignos sacrifica
 A' merecida pena, á morte justa.
 Mas privado juiz não foi, nem delles.
 O cutello das leis é que os imola.
 Um tyranno é sem dúvida na terra
 O malvado maior; mas nem por isso
 Te é livre de julga-lo, e de puni-lo.
 Tens magistrados, leis, e tens algozes.
 Se daquelles usurpas os direitos,
 Criminoso és tambem. E o negro officio
 Do ultimo assumir, julga-lo accaso
 Acção condigna a um cidadão Romano?
 E que fructo da patria ao bem resulta
 Com lhe ficar um despota de menos?
 Vanglorioso do golpe, que vibraste,
 Cuidas que o monstro feneceu com elle?
 Enganas-te; as cem fronte deessa hydra
 Se reproduzem sempre, e dobrão, crescem.
 Por uma, que decepas, mil te surgem;
 Mal, que julgavas extinguir de todo,
 Então se agrava mais.

BRUTO.

Pois que? serenos
 Veremos desabar no abysmo a patria?
 E indifferentes, no meio a seus desastres,
 Tranquillos a veremos affundar-se

No mar da escravidão? Anciada embora
 Supplices mãos estenda aos filhos caros ;
 Que esses filhos virtuosos não se atrevem
 A perpetrar um crime por salva-la.
 E' virtude (confesso) que me admira ,
 Que ja mais conheci.

CATÃO,

Na tua idade

Respeitão-se os anciões , ouve-se , e aprende-se.
 Mancebo , escuta. Libertar a patria,
 Votar-lhe (se é preciso) a propria vida ,
 Não é mais que dever ; grande heroismo,
 Acca de gloria , nisso não as vejo.
 O homem , que assim obrou , foi homem d'honra,
 Cumpriu sua obrigação. Mas outros melos
 Tem de empregar mais certos , mais seguros
 Quem se abalança a impresa tam difficil ,
 Se baldos não quer ver cuidado , e riscos.
 Corte pela raiz a tyrannia ;
 Aos seus concidadãos mostre a vereda ,
 Que ao alcaçar conduz da liberdade ,
 Não coberto de espolios sanguíneos ,
 Mas puro sempre , e candido como ella.
 Salve-os das convulções , da crise horrivel ,
 Que as populares commoções arrastão.
 Moderação , e paz reine em seus labios :
 Generoso perdoe , austero puna ;
 Mas pelo órgão da lei , mas só com ella.
 Os pendões hastear da liberdade
 Nas ameias da horrifica discordia ,
 Grito amotinador alçar aos povos ,
 Para os deixar no cahos da annarchia
 Mutuamente , e á porfia destruir-se ;
 E' querer lacerar o seio à patria ,

Sem jamais a salvar.

MANLIO.

Homem como este,

Ceo, creaste-o jamais? tu viste-o, mundo?

BRUTO.

Mas, que tumulto é este?

S C E N A IV.

CATÃO, BRUTO, MANLIO, SEMPONIO, JUBA,
Soldados &c.

CATÃO.

Oh! ceos! Que vejo!

Sémponio em ferros! Juba! . . .

BRUTO.

Infames!

CATÃO.

Bruto,

Explicai-me este enigma: devo acaso
Ver um traidor n'um senador Romano?
Esses grillhões nos pulsos teus que indicação?
Tu emmudeces? — Príncipe, que é isto?
Tu calado também? Falla, não temas.
Não tens que requear; nem es Romano;
Nem deveres de patria te obrigavão
A seguir nossos fados. Tomar parte
Na sorte do infeliz, é sempre um peso.
Queres fugi-lo? Não; não te crimino,
Os vinculos de alliado te prendião. . . .
Porém de taes amigos que interesse
Poderias tirar? Desgraças, prigos,
Talvez a morte. Vai; segue a ventura;
O ceo derrame sobre ti mil benções.

Oh lá, soldados: de Numidia ao príncipe
As portas da cidade abertas ficam.

JUBA.

Bem a mereço a exprobração amarga
Dessa azeda ironia. Sim; deixei-me
Seduzir desse monstro. Mas nem mesmo
Te dignas arguir-me, nem te abaixas
A castigar-me? Oh céos! esta vergonha
Não; eu nunca a esperei. Pena tão rude
Merecer a Catão não pensei nunca.
Sou criminoso sim; porém meu crime
E' filho só do erro. Esse perverso
Sob a côr da virtude, do heroismo
Perfidio mo encubriu, soube enganar-me.
Da patria minha na rudez selvagem
São ignoradas da perfidia as artes.
A minha singelleza, e poucos annos
Facil foi de vencer a quem tam destro
Em artificios taes, lhes sabe o enredo.
Para salvar teus dias ameaçados,
Para evitar que ao dictador abrisse
Conjuração occulta as portas d'Utica;
Me incitou que sahisse c'os meus Numidas
Do lado oriental para encontrá-lo.
Cahi no engano; e em tanto que eu deixava
Quasi inerte a cidade, elle, e os seus socios
As portas do occidente a Cesar abrem.
Conheci, porém tarde, a vil perfidia;
Cahi sobre o traidor, e sobre as hostes
Do tyranno de Roma; entanto o alarma
Soa na praça, os muros se corqão
De intrepidos Romanos. Rechassada
Por elles, e por mim foi essa turba.
Pude na fuga descobrir o monstro;

Fiz-lhe lançar aos pulsos esses ferros ;
Salvei-lhe para os golpes dos lictores
A infame vida, que anhellavão todos
Arrancar-lhe a porfia os meus soldados.
Essa vida... Ah! não sabes quantos crimes
Tens a lavar no sangue do malvado!
Porcio...

CATÃO.

Meu filho!...

JUBA.

Assassinou-o o barbaro.

CATÃO.

Respiro, oh ceos! traidor não foi meu filho.

BRUTO.

Infame! e ousaste ao meu amigo...,

MANLIO.

E' elle:

Ei-lo aqui moribundo te con-luzem.

Que miseranda vista! oh! que espectaculo

Para os olhos de um pae.

S C E N A V.

CATÃO, BRUTO, MANLIO, SEMPRÔNIO, JUBA,
PORCIO, *Soldados.*

CATÃO.

Oh! vem, meu filho,

Nos braços de teu pae morrer com honra.

Vê dos olhos paternos, vê correr-me

Estas lagrimas doces; não de pena,

Meu Porcio, não de dor, mas de saudade.

Morres homem, meu filho, e morres livre.

Oh! não te peze de deixar a vida.

Que te fica na terra? que perdeste?
Um mundo indigno, baldio de virtudes,
Farto de crimes; solidões juncadas
De mortos, moribundos, de assassinos.

Porcio,

E.. o.. pae.. que.. eu deixo.. eu.. morro.. adeus.

Caião.

Sim, morre;

Que vives para gloria. Oh! caro filho,
Sobe, alma venturosa, á eternidade.
Este meu pranto.... Não taxeis, amigos,
De fraqueza a minha alma: eu não me pejo
De mostrar que sou homem. Filho! oh! filho!
Teu pae em breve... Adeus! ... Levai-o, amigos.

Bruto.

Não; esse corpo do heroe não deve
Sahir de nossa vista, antes que o sangue
Corra do matador. Manlio, soldados,
Dizei, dizei-o, vós?

Caião.

Basta... Sempronio,

Eu ja fui pae, e sou Romano ainda.
Vês aquelle cadaver? é meu filho.
Tu mo roubaste... Seduziste o principe,
Traidor quizeste com algoz perfidia
Impio acabar co'a patria moribunda.
Todos quantos ahi vês pedem tua morte;
Pedem teu sangue as leis, e a natureza.
Mas eu posso absolver.... Roma não póde.
O pae perdoa, o cidadão não deve.
Malvado treme: a espada da justiça
Sobre a tua cabeça está pendente.
Dos crimes ao maior, pena a mais crua
Nós a devemos, filhos de Quirino.

Morra ; sim , morra para sempre o perfido.
Tirai-lhe esses grillhões , abri-lhe as portas.
Pesa-lhe a liberdade ? aos ferros corra :
Para Roma, ~~expirou~~ com Cesar viva.

MANLIO.

Oh virtude !

JUBA.

Oh sentença d'um Romano !

SEMPRONIO.

Triumphaste de mim ; essa grandeza
Inda é maior que o odio , que te eu tenho.
(*Retira-se o cadaver de Porcio*)

S C E N A VI.

CATÃO, BRUTO, MANLIO, *Soldados.*

MANLIO.

Mas duvido que possas impedir-lhe,
Que o furor dos soldados

CATÃO.

Um Romano

Em sangue tal não enxovalha a espada.
Lictores , de Sempronio o vil castigo
Annunciai ás cohortes ; e intimai-lhe
Que é não ser cidadão , frastar-lhe a pena.

BRUTO.

Oh meu pae ! a teus pés deixa prostar-me ;
Deixa adorar em ti

CATÃO.

Ergue-te , filho :

(79)

Eu fiz o meu dever; não te accostumes
A admirar com espanto uma acção boa.
Faze hábito da honra, e da virtude:
E só te admirarás de ver hum crime.

FIM DO ACTO IV.

ACTO QUINTO.

S C E N A I.

CATÃO, *Lictores. etc.*

CATÃO.

Ainda não é tempo. Oh lá! de pressa
Manlio se chame aqui :alguns momentos
A sós me cumpre conversar com elle.
Ide.

S C E N A II.

CATÃO so.

CATÃO.

Convem dizer-lhe os meus intentos,
Confiar-lhe as tenções minhas, e projectos.
Timido sim, porém honrado é Manlio,
Prudente, e cauteloso. Sem receios
Descançarei tranquillo. Ei-lo que chega.

S C E N A III.

CATÃO, MANLIO.

CATÃO.

Manlio, ouve-me attento. A tua dextra

Em pinhor do segredo.

MANLIO.

Ei-la.

www.libtccatiao.cn

Romanas

São inda estas mãos. Não, meu amigo?

MANLIO.

E duvida-o Catão?

(ouve-se dentro o brado da sentinella)

CATÃO.

Não; não duvida.

MANLIO.

Pois bem: falla: eu te escuto.

CATÃO.

Ouviste agora

A voz da sentinella?

MANLIO.

Ouvi. que importa?

CATÃO.

Quando uma hora mais tiver corrido,
Ouvi-la-has outra vez; mas esse brado,
Eu não o heide ouvir.

MANLIO.

Não te percebo.

Porque?

CATÃO.

Porque terei morrido.

MANLIO.

Tu!

CATÃO.

Sim.

MANLIO.

Pois que! perdêste ja de todo

Aquellas esperanças?

(62)

CATÃO.

Não : nem perco.

Vês esta espada ? Nella só as tinha.

Não me ~~serviu a~~ libertar a patria ;

Serve para morrer.

MANLIO.

E tu pertendes

Cometter esse crime ! ... Tu !

CATÃO.

E accaso

Julgas um crime o subtrahir-se a crimes ?

MANLIO.

E quães são esses crimes , que pertendes

Evitar com tua morte ? Por ventura

São os de Cesar ; são os dos Romanos ,

Que a Cesar vendem liberdade , e patria ?

Morrendo , impedirás que se perpetrem ?

Bem o sabes que não.

CATÃO.

Sobre esses crimes

Só me resta gemer : assaz contra elles

Luctei de balde.

MANLIO.

Então

CATÃO.

Co'a minha morte

So este coração , só a minha alma

Quero salvar ao crime.

MANLIO

A tí ! Mas como ?

Queres livre morrer como um Romano ;

Foges a escravidão ; heroismo , e gloria

A um animo vulgar fôra esse feito.

Mas homem , como tu , deixar cegar-se

De fanatismos taes! São crime os ferros:
 (Dizes tu) mas de quem? Do miseravel;
 Que entre gemidos soluçando os roja?
 Ou do fado serão? Crimes do fado;
 Então nós é que havemos de levá-los?
 Sem criminosos sêr, punir-nos-heimos?
 Se os céos o quèrem, se o consentem deuses;
 O homem fraco.....

CATÃO

Não faças tam pequeno;
 Nem tanto abatas o homem. Pouco vale,
 Se escravo das paixões, fraco se deixa
 Ir ao sabor das ondas do destino.
 Mas o homem, que tal nome desempenha,
 Que é digno dêsse título sagrado;
 O varão forte, que o revez encara
 D'avessos fados, que lhe apara os golpes
 No adamantino escudo da virtude,
 Que arca por arca luta c'o infortunio,
 E consegue atterra-lo: oh! esse é grande;
 Esse não teme, desafia a sorte:
 C'o pavez da innocencia acobertado;
 Firme no pedestal da fortaleza,
 Caia o ceo, trema a terra; immovel fica;
 O universo vacilla, e elle não treme;
 Desaba o mudo, e impavido o contempla,
 Sem medo a queda, reverter-se aos calhos.
 Por certo não é crime o sêr escravo,
 Só desventura grande; mas, podendo
 Espedacar os ferros vergonhosos;
 Não o fazer, é vil baixeza indigna,
 E' covardia, e a covardia é crime.
 A natureza, que nos deu a vida.
 Deu-nos direitos, que gozar com ella:

Deveres nos impoz. Perder aquelles,
Postergar estes, e prezar ainda
O dom mesquinho de existencia inutil,
Nem o póde mandar a natureza,
Nem do contrario os nunes agravar-se.

MANLIO.

Mas dadiva do ceo nos foi a vida;
E o ceo hade approvar?...

CATÃO.

E eu morro accaso.
Quando a minha alma eterna assim liberto
Dos vinculos do corpo? Se esta essencia,
Que da vida ás funções em nós preside,
Porção da divindade, é pura essencia
De espirito immortal; não obro um crime.
Não renuncio á dadiva celeste,
Se livro de baldões, se a vis opprobriôs
A salvo denodado. E, se ao contrario,
Combinação fortuita do acaso
Me formou a materia; se a minha alma
Morredoura, e mortal, como o meu corpo,
Só para o mundo vive, e só no mundo;
Então mais livre ainda em dispor della...

S C E N A IV.

CATÃO, MANLIO, JUBA.

JUBA.

Catão, accode, vem... Subitamente
As cohortes de Cesar assaltarão,
Furiosas investem nossos muros.
Já tudo é confusão, tudo desordem.
Nossos poucos soldados cada instante

(67)

Aos golpes diminuem do inimigo.
Raros sobre as muralhas já se avistão
Da liberdade os tristes defensores;
Do dictador as hostes bem conhecem
Nosso misero estado; audazes correm
Seguras da victoria. Ah! vem ao menos
Com a tua presença (se é possível)
Anima-los ainda: vem; ou cedo
Em Uttica verás....

CATÃO.

Não verei nada.

JUBÁ.

Como?

CATÃO.

Príncipe, vai; vê se apprestadas
Estão no pôrto as naus, se a levar ferro
Promptas como eu mandei. Faze que embarquem
Todos nossos amigos: vai: só resta
Este unico remedio; preciosos
Estes momentos são; parte.

JUBÁ.

Obedeço.

Mas....

CATÃO.

Vai, príncipe: adeus, adeus.

SCENA V.

CATÃO, MANLIO.

CATÃO.

Não posso

Deixar de enterrecer-me... a vez extrema
Que vejo os meus amigos sobre a terra.

Manlio, tu sabes quanto te ame! sempre...
 Has-de sobreviver-me, has-de inda, amigo.
 Ver Roma escrava... ver a nossa pátria,
 Essa pátria, que tanto me ha custado!
 Vê-la-has em ferros, gemerás sobre ella.
 Oh! quando desparzires essas lagrimas
 No sepulcro de Roma... então recorda-te
 Lembra-te de Catão... (silêncio) E'morta Roma;
 E'morta Roma... E eu sou vivo ainda!
 Começa a envergonhar-me esta fraqueza.
 Morrer!... Mas eu receio acaso a morte?
 Não, por certo: não vejo na minha alma
 Nem a menor saudade da existencia.
 Tranquillo sinto o coração no peito;
 Pausado o sangue pelas veias corre.
 Porção da divindade, assaz viveste
 No carcer deste corpo; vai unir-te
 A'immensidão do ser na eternidade.
 Catão... a tua hora derradeira,
 Ei-la, souu... amigo, adeus.

(quer ferir-se)

MANLIO.

Que fazes!

S C E N A VI.

CATÃO, BRUTO, MANLIO.

BRUTO.

Oh meu pai! oh desgraça! oh fado! oh inimigos!
 Dentro d'Uttica já... Foi-se a esperança.
 Morreu quanto inda havia de Romanos;
 Ficamos nós... nós só. Tropel d'escravos
 De Hannu... afluem, e creem,

Innendão a cidade... O'pae! oh! dize
O que resta fazer.

CATÃO.

www.lib.mindifferentes

São os nossos deveres: Bruto deve
Para a patria viver: mancebo ainda,
Póde vir tempo, em que salva-la possa.
Catão, velho, e cansado, e a Roma inutil,
Só lhe resta morrer.

BRUTO.

Morrer!

CATÃO.

Sím.

BRUTO.

Morre;

Mas eu não vivo.

CATÃO

Vives; que eu to ordeno,

Que o manda Roma.

BRUTO.

Embora. Os ceos que o mandem,

Que o decretem os numes: Bruto deve

Onde espirar Catão, morrer com elle.

CATÃO.

Bruto... meu filho... filho! oh! que este nome

E' de todos os nomes o mais doce.

Pela vez derradeira um pae te falla:

E tu não has de ouvir as vozes d'elle?

Minha extrema vontade ha-de o meu filho

Desprezar do seu pae? o ultimo rôgo.

Ja feito sobre as margens do sepulcro.

Has-de esquecê-lo tu? Catão supplica.

Pede Catão; e Bruto não o attende!

Meu filho, vem; recebe no teu peito

O adeus da saudade... o adeus da campa,
 Que só vai terminar na eternidade.
 Este abraço de morte inda é Romano;
 Estas mãos, que te apertão, não tem ferros;
 Meu filho, adeus... Sê virtuoso sempre:
 Não podes ser Romano... mas sê homem.
 Roma extinguiu-se... resta-te a virtude.
 Ja não tens patria... mas tens honra ainda.
 Recorda-te de um pae, que te amou sempre;
 Para chora-lo não, que morreu livre;
 Mas para te lembrar de seus conselhos,
 Para segui-los sempre: adeus. Amigo,
 Tu roubaste-me a espada: não venceste:
 Inda tenho este ferro. (*fere-se*) Oh Roma! oh patria!
 Não tenho mais que a vida; ei-la recebe-a,
 Vamos ao menos juntos ao sepulcro.

MANLIO.

Oh ceos!

BRUTO.

Oh numes!

MANLIO.

Espiraste, o' Roma!

CATÃO.

Amigos, oh! meus ultimos... momentos...
 Não mos façais amargos... Por piedade...
 Essa dor... a meus olhos... occultai-a...
 Deixai-me ao menos... espirar.. com honra..

BRUTO.

Oh meu pae!

MANLIO.

Meu amigo! que velhice,
 Que estremos dias me guardava o fado!
 Oh!

S C E N A VII.

CATÃO, BRUTO, MANLIO, DECIO, *Soldados etc.*

DECIO.

Salve-se Catão, se é tempo ainda.
Do imperador as ordens se executem.
Do amigo vencedor nos braços venha
Esquecer... Mas, que vejo... tu...

CATÃO.

Ja... na... da...

Tenho.. que.. rezear.. de.. suas.. iras..
Nem.. de.. seus.. benefícios.. Mas.. amigos..
Vós.. me trahis.. Porque.. vedar-me.. o sangue..
Deixai-me.. eu.. sei.. morrer.. oh Roma!...

(fazendo o ultimo esforço)

MANLIO.

E' morto,...

Com a patria nos labios. Oh ! que patria
Lhe fadastes, ó ceos!....

BRUTO.

Contempla, barbaro;

Contempla a tua obra. Le, preverso,
No horror daquella chaga os teus delictos.
Colhe, escravo, esses louros sanguinosos,
Leva-os a teu senhor: dá-lhe, que o beba,
Na taça da ambição aquelle sangue.
C'um parricidio mais orná-lhe a gloria.
Que mais quer, que lhe falta? Esse malvado
Porque não vem gosar do seu triumpho?
Venha, venha rever-se no seu crime;
Venha, venha folgar sobre o sepulcro
De Catão, e de Roma.... Quer mais sangue?

Resta-lhe o meu... Pois venha derramá-los
Eis desarmado, o peito... A sede apague,
Farte o atroz coração.

www.libtool.deco.cn

Lembra-te, Bruto.

A carta...

BRUTO.

Que vieste recordar-me?

Sabes o que diceste? Mal conheces
Que sentença de morte proferiste.
Eu!.. Elle!.. Não!.. Porque!.. Sim monstro, barbaro!
Sangue! Oh sangue d'horror! Mas, vês aquelle?
Gota, a gota cahiu sobre este peito;
Aqui no coração, ei-lo aqui todo,
Este ferro... este ferro precioso
E' legado d'um pae... Pae! oh que nome!
Meu pae.. aquelle foi.. matou-mo elle.
Mas vive o filho.. e o filho hade vingá-lo.
Filho.. do crime.. já não temo crimes...
Roma!.. patria! Catão! meus paes são estes,
Remorsos!.. Ensinou-me a despreza-los
Esse, a quem devo.. Devo só vingança,

FIM DO ÚLTIMO ACTO.

www.libtool.com.cn

www.libtool.com.cn
C A R T A

*Ao meu Amigo , o Sr. * * * sobre a Tragedia
Catão. (*)*

Que conceito formo do meu *Catão* ? E' a pergunta mais fóra do commum , que se tem feito. — Se imitei muito o de Addisson , e que juizo faço deste dramma ? Menos difficil é que a primeira , porém não me custa por ventura menos a responder a uma do que á outra. Tinha protestado conservar um perfeito silencio sobre este famoso author , e sua mais famosa peça , por que não julgasse alguem , que o severo dos meus reparos provinha de rivalidade , ou presumpção. Mas em fim quebro o protesto , e vou satisfazer-te. A tragedia ja está no prelo , e cedo poderás combinar as minhas reflexões com ella ; pois, supposto a viste representar , só com meditado estu-

(*) Esta carta nunca esperou sahir a lume , nem sahiria nunca , se me não constasse que algumas pessoas , attentando talvez simplesmente na semilhança do titulo , havião asseverado que a minha tragedia não era mais que uma traducção da de Addisson.

do se pôde bem decidir de cousas dramaticas ; e a scena illude muito, e preoccupa demais com seus prestígios para nos deixar reflectir com a madureza, e socêgo necessários, que só no silencio do gabinete se podem conciliar.

O que me parece do meu Catão ? — Com toda a franqueza, que me conhece, e sem a orgulhosa modestia de certos authores, que se humilham todos para que os louvem mais, com a sinceridade de amigo : *parece-me bem, e mal*. Gosto de algumas cousas, desgosto de outras.

Pelo que são regras principaes de *unidades, exposição, nexo, e desfeixo* ; (*) cuido te-las desempenhado. Em quanto ao resto, não direi com tanta affouteza ; e cousas ha mesmo, de que muito desconfio.

Mui difficil me era não só o desenho dos caracteres, mas a sustentação delles. Para appresentar uns poucos d'homens verdadeiramente Romanos. e fazer no meio delles sobre sahir o actor principal, era forçoso suar muitas vezes, e desanimar algumas. Bruto, Porcio, e Manlio, todos virtuosos, e virtuosos como republicanos, a cada momento se me tornavão Catões, e fazião por consequencia divergir os raios do interêsse dramatico, que eu só no unico protagonista queria, e devia concentrar. Distingui-os quanto pude, exforcei-me em caracteriza-los por differentes temperamentos, e genios ; e puz peito em separa-los assim, ja que a historia, e a verdade mos tinham unido tanto.

(*) Não sei traduzir d'outra maneira o *dénouement* Francez.

Como hei de responder á tua segunda pergunta sobre Addison; na analyse succinta, que de sua tragedia te faço, irei conjunctamente respondendo á primeira, segundo me lembrar, sem ordem, nem systema, que sobre improprios da familiaridade de uma carta, me darião constrangimento, e incómodo, que seguramente creio não quererás dar-me.

Desde que me entendo alguma cousa, e comecei a abrir livros de bellas lettras, ouvi sempre fallar no *Catão* de Addison, como em um prodigio da scena, e por ventura a primeira peça do theatro moderno.

Na encyclopedia, formaes palavras, se diz. — *San Catou est le plus grand personage, e sa piece est la plus belle, qui soit sur aucun theatre.* Cesarotti, e infindos outros fallarão pela mesma bocca. O proprio Voltaire, que lhe nega o fôro de *tragedin*, não deixa de lhe chamar um *chef-d'oeuvre*.

Ouvia eu, e lia todas estas consas, e cada vez me dobrava o desejo de ver tam gabada peça; sem jámais a poder haver á mão pela summa raridade dos bons livros entre nós, e infinita escassez, principalmente de todos os que não são francezes. Obtive alfin uma traducção Franceza meia verso, meia prosa, mas tam má, pelo que me pareceu, que o meu conceito então ficou cem vezes áquem do que havia imaginado. Li-a depois na versão do nosso Manoel de Figueiredo (bom homem, e de bastantes luzes, mas de nenhum talento poetico, e perfeitamente ignorante até das mais simples leis do metro) e fiquei peor. Consegui finalmente o original; e supposto inudêi bastante do primeiro juizo, não foi absolutamen-

te, nem o podia ser, porque no contexto, e fundo do drama, original, e traducções são a mesma cousa.

Antes de fazer as minhas reflexões, transcreverei as do eruditissimo Schlegel, que pela maior parte com ellas se combinão; e, com grande satisfação minha, até com ás que antes de ler a sua grande obra, (*) eu havia feito.

Amdisson, que era mais *bel-esprit*, do que poeta, detten-se a expurgar a tragedia Inglesa, e a submette-la ás pertendidas regras de Aristoteles. Dever-se-hia esperar, que tam erudito homem, como elle era, necessariamente buscaria avizinhár-se á tragedia Grega: não sei se teve algum'hora essas intenções; mas é certo porém que o fructo dos seus esforços não foi mais que uma tragedia moldada, e enfeitada á Franceza. O *Catóo* é uma obra fraca, e de géllo; quasi nua de acção, e que nunca toca o animo com a mais pequena força.

Addisson, fazendo uma composição timida; e accanhada, restringiu de tal sorte um grande quadro historico, que para encher o panno, houve mister introduzir-lhe cousas absolutamente estranhas. Recorreu aos amores da *tarifa*; e nesta peça se contão seis *paixões* (ou namoros); a saber: as dos dous filhos de Catão, a de Marcia, de Lucia, de Julia, e de Sempronio. Catão, como bom pae de famílias, não pôde ter-se a final-que não arranje, e conclua dous matrimo-

(*) Curso de litteratura dramatica.

nios; e entre tantos amantes, não ha nenhum (sem exceptuar mesmo Sempronio, que é o *mal-rado* do dramma) que não participe o seu pouco de simplesinho. Catão poderia talvez relevar tudo isto: mas quasi nunca obra, nem entra em acção; apenas se mostra para se fazer admirar, e morrer depois.

Poder-se-ha pensar que a stoica resolução de matar-se, tomada assim sem paixão, e sem internos conflictos, não seja favoravel assumpto para uma tragedia: mas não ha assumpto nenhum, que por sua natureza seja desfavoravel, e tudo depende da maneira porque se tratta. Um vão escrupulo sobre a unidade de logar forçou Addisson a deixar de fóra a Cesar, unico character digno de fazer contraste ao de Catão: e nesta parte muito melhor que elle andou Metastazio.

O stylo de Addisson é simples, e puro, mas sem fogo poetico. O *jambo* não rymado, (*) de que usa, dá ao dialogo mais liberdade, e uma fórma menos *de convenção*, que se não acha na maior parte das tragedias Francezas; mas essas tem ás vezes uma eloquencia firme, e concisa, onde jámais não chega o *Catão* de Addisson.

Este célebre author, para preparar o feliz acolhimento d'uma obra, que tanta fadiga lhe havia custado, pôz em armas toda a milicia do bom gosto, todos os criticos grandes, e pequenos, e á frente de todos Pope. *Catão* foi por toda a parte acclamado por um *chefe d'obra* sem par.

(*) E' o nosso verso sôlto, ou *branco*.

É em que fundarão elles taes asserções? Na regularidade da forma? Mas os poetas Francezes ha mais de um século, que a ella se havião sujeitado, e a despeito deste grilhão, tinham conseguido effeitos muito mais poderosos, e patheticos. — No espirito politico? Um só discurso de Bruto, ou Cassio em Shackspear mostra mais alma Romana, mais energia republicana, que toda a tragedia de Addisson. Duvido que semelhante peça produzisse jámais uma impressão viva, e profunda. »

Tal é o conceito de Schlegel sobre esta tam affamada obra. O meu, como levo ditto, não differe muito do delle, mas alguma cousa differre. Schlegel tem o defeito de todos os escriptores, que são escravos de suas proprias ideias, e dos *systemas*, que elles mesmos fabricarão: o que muitas vezes os força a dizer cousas, que n'outro reprovariam; e de que não tem, nem dão outra causa, mais que a necessidade imperiosa de serem coherentes.

Lembrar-te-has que muitas vezes lamentámos isto em Madame de Stael, e Chateaubriand; e que pensámos ser muito principal prigem do grande merecimento de Cicero, e Rosseau a sua incerteza ingenua (ou muito artificiosa) nesta parte.

O que Schlegel diz sobre a *regularidade classica* mal entendida, que Addisson pertendeu, e pensou dar ao seu *dramma*, é exactissimamente certo. O genero *romantico*, de que Shackspear foi o creador entre os seus, e que era o proprio da scena Inglesa, tem grandes defeitos, mas grandes formosuras: falta-lhe a belleza da simplicidade.

dadè, e règular elegancia, mas sobeja-lhe a do ornato, e enfeites ingentios, com quanto demasiados. O genero *classico* tem outras qualidades, e caracteres, entre os quaes em primeiro logar, a regularidade, e simplicidade. O *misto*, que principalmente se deve a Voltaire, (*) e a Ducis, participa das bellezas d'um e d'outro, e sem cabir nos defeitos do *romantico*, affornosea visivelmente o *classico*. Zaira, Tancredo, Alzira, Othelo, e o Rei Lear (de Ducis) provarão, melhor que todas as theorias, esta verdade.

Em qual dèstes tres generos escreveu Addison? Em nenhum. A sua tragedia é um arremêdo infeliz do gôsto Francez, tem todos os defeitos do affeminado daquelle theatro, sem ter nenhuma de suas bellezas. Seis namoros! Racine, e Crebillon, que forão os mais excessivos neste ponto, nunca se attreverão a tanto. Mas Racine pelo menos soube ligá-los sempre, e fazê-los dependentes da acção principal, quando elles mesmos não erão essa acção. Crebillon as mais das vèzes o fez, supposto com muito menos arte, e essa menos fina, e delicada. Mas no Catão de Addison são verdadeiramente — verbos de encher; tanto tem elles com a acção capital, como os nossos antigos *graciosos* das operas do Judeu com

(*) Quando no prefacio dèste livro toquei igual materia, esqueci nomear este grande tragico na frente dos que no genero *misto* escrevêro. Pego desculpa de tal desleixo, que só é devido a pressa com que rascunhei aquellas linhas.

Medea, e Jason; Demais, a mais tem a habili-
dade de occupar quasi sempre a scena, e deixar
raras vezes apparecer sobre ella o principal actor,
e acção. A traição de Sempronio, e Syphax é
motivada por namôro, as mortes de Sempronio, e
Marco por namôro, toda a *intriga*, ou nexo do
dramma por namôro; Catão entrettem-se tam bem
com todos estes namoros; e mata-se a final (depois
de dormir o seu pouco na scena,) sem se saber ver-
dadeiramente por que; pois não apparece uma
causa immediata, qual deveria ser a chegada de
Cesar, mas simplesmente a da ruina geral da li-
berdade, que desde o primeiro acto existia, e que
por tanto desde o principio devêra ter produzido
o seu effeito, e morto Catão (que era a catas-
trophe) acabar logo a peça. Esta suspensão da ca-
tastrophe, que é o nexo da acção, uma das origens
do interêsse, e uma das mais difficeis regras tra-
gicas na sua execução, falla, e falta absoluta-
mente na tragedia Inglesa,

Eu não exigiria, como Schlegel, que Addis-
son mettesse a Cesar no seu dramma, nem farei
depende dessa circumstancia a belleza principal
delle. Tambem li a peça de Matestazio, e ahí vi
isso; mas não me agradou, Por ventura, se ho-
je escrevesse a minha tragedia, o faria eu; mas
não me lembrou então o verdadeiro modo de o
fazer bem; e por isso o não fiz.

No que eu em grande parte discordo de Schle-
gel é no severo conceito, que fôrma do stylo de
Addisson. Convenho que sobejas vezes é frio, e
desanimado; porém muitas é sublime, e eleva-
do, como ao genero cumpria. O monologo do quin-
to acto é uma obra-prima de poesia, tanto nas

ideias, como no stylo; assim ella fosse drammatica, e propria da scena; mas infelizmente caí-lhe ao justo a sentença d'Horacio:

Sed nunc non erit hic locus.

O muito que me affastei de Addison, da simples comparação destes reparos com o meu dramma o podes colher. A personagem de Bruto, que é a segunda na minha tragedia, não apparece na delle; eu não tenho damas, nem *namoricos*; a exposição, o nexo, a catastrophe da minha peça são outras absolutamente, &c. &c. Approveitei-me porém d'alguns pensamentos felizes, e sublimes, que não são poucos em Addison. O número todavia dos que imitei não é excessivo: digo *dos que imitei*, porque traducção, não a fiz eu de um só verso Inglez.

Para formares melhor ideia; transcrever-te-hei aqui os logares todos, de que fallo, com a traducção litteral; e combinando-os com os correspondentes no meu dramma, poderás conhecer com exactidão o que digo.

Acto I. Scena I. (Addisson's Cato)

The dawn is overcast, the morning low'rs.
And heavily in clouds brings on the day,
The great, th' important day, big with the fate
Of Cato, and of Rome.

*Cuberta a aurora está, a manhã fusca,
E pesada de nubes traz o dia,
Dia grande, e importante, que em seu scio.
De Cidão, e de Roma encerra o fado.*

N. B. A palavra *big*, que no texto Inglez significa neste lugar *pejado*, não era traduzível senão por este circumloquio.

O lugar correspondente na minha peça é a scena 1.ª do 1.º acto, na fallada de Bruto.

„ A aurora a despontar começa :
 „ Pallida, e triste nos conduz a medo
 „ O dia, o dia por ventura extremo
 „ Da nossa liberdade, ”

Acto I. Scena II.

Let us *once* embrace ;
 Once more embrace ; while yet we both are free ;
 To morrow should we thus express our friendship ,
 Each might receive a slave into his arms .
 This sun , perhaps , this morning sun's the last ,
 That e'er shall rise on Roman liberty .

*Deixa que inda uma vez nos abraçemos ,
 Mais uma vez , em quanto somos livres .
 Nossa amizade se amanha quizermos -
 Desta sorte expressar , receberemos :
 Cada um de no's nos braços um escravo .
 Este sol , por ventura , este sol de hoje
 E' já o derradeiro , que so deve
 Nascer para a Romana liberdade .*

Corresponde a esta passagem a seguinte na scena 5 do I. acto :

„ Abracemo-nos , amigo ,
 „ Abracemo-nos sim , em quanto é dado ,
 „ Em quanto somos livres , &c. ”

Até o fim desta fallada de Porcio , cujos oito versos são todos imitados de Addison.

Acto I. Scena II.

My father has this morning call'd together,
 To this poor hall, his little Roman senate,
 (The leavings of Pharsalia),

*Meu pae em esta humilde, pobre sala
 Seu pequena senado de Romanos
 (Reliquias de Pharsalia) hoje convoca.*

Dêstes versos são parallelos estoutros, na
 mesma scena 5. do I. acto ;

" Por esta causa
 " Neste humilde logar meu pae ajunta
 " Essas tristes reliquias de Pharsalia,
 " A que ainda senado appellidamos. "

Acto I, scena II.

Not all the pomp, and magesty of Rome
 Can raise her senate more than Cato's presence,
 His virtues render our assembly awful,
 They strike with something like religious fear,
 And make even Caesar tremble at the head.
 Of armies flush'd with conquest. Oh, my Portius!
 Could I but call that wond'rous man my father.

*Toda a pompa de Roma, e magestade
 Não poderia alçar tanto o senado,
 Quanto a presença de Catão a eleva.
 Suas virtudes tornão formidavel
 Nossa assemblea, ellas quasi imprimem
 Um medo religioso, e a Cesar fazem*

*Tremar á frente dessas mesmas tropas,
Suberbas de conquistas. Oh meu Porcio!
Pudesse eu chamar paz a tam grande homem!*

A imitação desta passagem é no acto I, scena 5 do meu drama:

» Todo o esplendor da fastuosa Roma
» Toda a sua pompa, gloria, e magestade, &c. »
Até o fim da falla de Juba.

Acto II. Scena 2.

Fathers, we once again are met in council:
Caesar's approach has summon'd us together;
And Rome attends her fate from out resolves.
How shall we treat this bold aspiring man?
Success still follows him, and backs his crimes;
Pharsalia gave him Rome; Egypt has since
Received his yoke, and the whole Nile is Caesar's.
Why should I mention Juba's overttrow;
And Scipio's death? Numidia's burning sands
Still smoke with blood. 'Tis time we should decree
What course to take. Our foe advances on us,
And envies us ev'n Lybia's sultry desarts.
Fathers, pronounce your thoughts: are they still
To hold it out and fight it to the last? (fix'd
Or are your hearts subdu'd at length, and wrought
By time, and ill success, to a submission?
Senipronius, speak.

*Inda em concelho, o' padres, nos juntamos;
De Cesar a chegada é quem nos une,
E Roma o fudo seu de no's espera.
Como devemos no's tratar esse homem.*

*Audax, comprehendedor? Ainda o segue
 E protege os seus crimes a fortuna.
 Pharsália lhe deu Roma; o Egypto cede.
 Desde então ao seu jugo, e o Nilo é delle.
 Porque mencionar de Juba a queda;
 A morte de Scipião? De sangue fumdo
 As queimadas ardeas da Numidia.
 E tempo de assentar qual mais devemos
 Seguir estrada. Sobre no's caminha.
 Nosso inimigo, e nos inveja mesmo
 Estes da Lybia torridos desertos.
 Padres, pronunciai os vossos votos.
 Fixos em persistir são elles inda;
 E em pelejar até o fim constantes?
 Ou vossos corações já submettidos;
 Cançados pelo tempo, e desfortuna,
 Estão á servidão? Semprimo, falla.*

O lugar, em que imitei alguma cousa esta
falla é no acto II, scena I.:

» Padres de Roma, augustos senadores,
 « Da patria moribunda unico apoio, &c. »

Acto II. scena II.

My voice is still for war.
 Gods! can a Roman senate long debate
 Wich of the two to choose, slav'ry or death!
 No, let us rise at once, gird on our swords,
 And at the head of our remaining troops
 Attack the foe, break through the thick array
 Of his throng'd legions, and charge home upon
 (him.

.....

The corpse of half her senate
Manure the fields of Thessaly, while we
Sit here delib'rating in cold debates,
Or wear them out in servitude and chains.
Rouse up, for shame! our brothers of Pharsalia
Point at their wounds, and cry aloud — To battle!
Great Pompey's shade complains that we are slow.

*O meu voto está inda pela guerra.
Deuses! pôde um senado de Romanos
Debater longamente sobre a escolha.
De escravidão, ou morte? Não; ergamo-nos,
D'uma vez, empunhemos as espadas;
E á frente dessas tropas; que nos restão
O inimigo ataquemos; pelo meio
Das espessas fileiras avancemos
De suas legiões amontoadas,
E do golpe sobre elle carreguemos.*

*Os corpos de metade do senado
Servem de adubo aos campos da Thessalia,
Em quanto aqui nós outros assentados
Em frias discussões delib'eramos
Se á honra nossas vidas votaremos,
Ou se havemos de em ferros consumirmos.
Despertai; que vergonha! Os irmãos nossos
De Pharsalia as feridas nos apontão,
E altamente nos bradão — A' batalha!
A grande sombra de Pompeu lamenta
A nossa lentidão; e a nós d'entorno
Inultos manes de Scipião volteião.*

Assemelha-se a esta na minha peça a falla
de Bruto na scena I. do II. acto:

" Eu voto a guerra ; e a guerra só nos cumpre.
 " Que ! duvidar na escolha um só momento, &c. "

Acto II. scena II.

www.ibtool.com.cn

Let not a torrent of impetuous zeal
 Transport thee thus beyond the bounds of reason.
 True fortitude is seen in great exploits
 That justice warrants, and that wisdom guides :

Are not the lives of those that draw the sword
 In Rome's defence entrusted to our care ?
 Should we thus lead them to a field of slaughter,
 Might not th' impartial world with reason say,
 We lavish'd at our deaths the blood of thousands,
 To grace our fall, and make our ruin glorious ?

*Não te deixes d'um zelo impetuoso
 Transportar da torrente além dos termos
 Da razão. O esforço verdadeiro
 Nos grandes feitos, que a justiça apoia,
 Que a prudencia dirige, é que se mostra.*

*Daquelles que de Roma não defeza
 Desembainhando as espadas suas,
 Ao nosso cuidado confiadas
 As vidas não estão ? Se no's ao campo
 Da mortandade assim os conduzirmos,
 Imparcial não poderá o mundo
 Dizer, e com razão, que no's de tantos
 Co'a nossa morte o sangue desperdiçámos
 Para ornar nossa queda, e mais gloriosa
 Fazer nossa ruína ?*

Corresponde a esta passagem a do acto II.,
scena 2:

" Bruto, esse furor não é Romano, &c. "

www.libtool.com.cn

Acto II. scena IV.

. Bid him disband his legions,
Restore the commonwealth to liberty,
Submit his actions to the public censure,
And stand the judgment of a Roman senate.
Bid him do this, and Cato is his friend.

. Tho', Cato's voice was ne'er employ'd
To clear the guilty, and to varnish crimes,
Myself will mount the rostrum in his favour,
And strive to gain his pardon from the people.

*As suas tropas despeça, á liberdade
Restitua a republica, submetta
Suas acções á publica censura
E a decisão aguarde do senado,
Obre assim, e Cato é seu amigo.*

*Nunca a voz de Cato foi empregada
Em crimes palliar, ou salvar culpas,
E com tudo heide eu mesmo em favor delle
Subir aos rostros, forcejar, por peito
a ar'alcançar o seu perdão do povo.*

Na minha tragedia acto II, scena 3 são paralelos os versos;

" Desarme as legiões, deponha a purpura. &c. "

Estes são, meu amigo, os logares, que de
Addissor imitei; digo, que imitei de proposito;

porque, se em alguns outros me encontrei com suas ideias, e expressões; effeito foi do assumpto, e não por determinada intenção. Não repares nos maus versos da traducção litteral, que puz ao pé do original Inglez. Exforce-me por ser exacto, e fiel; e essa vontade me não deixou ser bom metrificador.

E aqui tens com toda a sinceridade quanto sei, e posso responder ás tuas perguntas, remetendo-te, sobre Addison a R. Cumberland; e aos outros muitos, que sobre este assumpto escreverão; e sobre a minha peça, a esses senhores sabichões do Mondego, que tudo entendem, tudo sabem, de tudo mofão, mas nada fazem.

Sou de todo o coração

Ten muito amigo

Lisboa 13 de Março, anno II.

(1822.)

J. B. S. L. A. Garrett.

www.libtool.com.cn

O CORCUNDA POR AMOR,

FARÇA.

*Representada pela primeira vez em Lisboa no theatro
do Bairro-alto em 29 de Setembro,
anno I. (1821)*

www.livroscabrosos.com
A C T O R E S.

O DOUTOR LAPAFUNCIO, letrado.

D. CARANGUEIJA, sua mulher.

D. CARLOTA, sua filha.

ELEUTHERIO, amante da ditta.

AUGUSTO, amigo d'Eleutherio.

BARRIGUDO, procurador de causas.

Logar da scena — Lisboa,

O CORCUNDA POR AMOR,
www.libtool.com.cn
FARÇA.

.. S C E N A I.

Escriptorio de lettrado.

DOUTOR LAPAFUNCIO.

(*Sentado, e remechendo papeis*)

DOUTOR.

Em fim, não me entendo com estas cousas. Rapazinhos, rapazinhos! Ca gente de bem, gente do meu tempo, e da minha laia não serve para isto. Peguem nessa capalha, que ali anda pelas ruas a gritar — viva a constituição, viva o diabo que os leve; peguem nesses biltres todos, e fação lettrados do seu panno. Oh tempos do meu tempo! Sancta chicana, que me inflavas cruzios nesta algibeira, como contas em rosario! Cotas, vistas, jure-jurando, estou doente, peço os dias da lei... Oh que boa cousa! E entretanto corria a chelpa, dormia a demanda, e as partes pingavão. Ora digão-me, Srs. reformadores do mundo: que hade ser da dignidade do fôro, sem a grande arte da *chicana*? Nada de ferias; causas todas summarias; jurados;

BARRIGUDO.

Isso é o menos, meu doutor. Mas a lei dos *ce-raes*! De sorte que eu não sei lá muito bem o que isto é; mas não me cheira; hade ser cousa má por força.

DOUTOR.

Eu estou na mesma, sr. Barrigudo. Nunca achei no *Pegas* semelhante nome. Modernices, modernices! Alguma poucavergonha encuberta, alguma heresia rebuçada contra a nossa santa religião!

BARRIGUDO.

Tem carradas de razão, meu doutor. Tudo está perdido. Mas vamos ao que serve. Tenho a propor-lhe certo arranjo, que me parece que lhe hade servir.

DOUTOR.

Diga, e em poucas palavras; que tenho que sahir.

BARRIGUDO.

Certo rapaz, meu vizinho, moço de bom porte, e de muito juizo, chegado á pouco da *nocturnidade*, e formado ca nas *difficuldades* do escriptorio pretende vir practicar com V. m.

DOUTOR.

Convenho; mas primeiro, que tudo, é elle cá dos nossos?

BARRIGUDO.

Se é dos nossos! Está claro que sim. Aliás como me atreveria eu a propo-lo. E' um moço guapo: ainda não lhe ouvi fallar uma só vez em constituição; e tem huma zanga decidida a tudo quanto cheira a isso. Olhe meu dou-

tor; aquillo por la não está tam mau, como o pinhão. Dizem-me que na *novidade* temos muita gente boa; e ca da sucia;

DOUTOR.

Bom: nesse caso pôde dizer-lhe que appareça logo. Está visto; o moço tem julzo. Adeus, amigo.

BARRIGUDO.

Adeus, meu doutor.

S C E N A. III.

DOUTOR, CARANGUEIJA, CARLOTA.

CARANGUEIJA.

Eis-aqui, senhor Lapafuncio; o fructo da sua condescendência. A senhora sua filha está louca; e louca varrida.

DOUTOR.

Que dizes, mulher? Que é isso?

CARANGUEIJA.

Pois não encontrei esta descarada lendo no *Lastro da Lusitana*, e decorando uma odia ao 24 de agosto, que vem no *Portuguez refrigerado*! Olha, meu Lapafuncio; quando tal vi, fiquei de raiva intanguida com hum faniquito; que não sei como a não esganei.

CARLOTA.

Por piedade, meu papá, digne-se ouvir-me.

DOUTOR.

Não lhe posso conceder vista, senhora Lambisgoia. Com que, V. m. atreve-se a ler similhantes papetetas! Pobre de mim! Oh vergonha destes e ançados annos! Diga: quem lhe deu esse i.

fame papel ?

CARLOTA.

Meu papá, eu não julgava que a minha curiosidade era criminosa. André, nosso moço muitas vezes me tem trazido estes, e outros escriptos, cuja leitura me instruiu, e recreava.

CARANGUEIJA.

Que te disse eu, meu Lapafuncio ? A rapariga está perdida ; ja sabe *retholica*, tem muita *fallosa*, e até se quer meter a *politica*.

DOUTOR.

Senhora Carlota, venha cá ; seja ditto uma vez para sempre. Você de hoje em diante está prohibida de ler escriptos, sejam de que natureza forem. Se se quizer divertir, aqui tem na minha livraria a colleccção completa da nossa sancta mãe *Gazeta* de feliz memoria. Tem a *Navalha de Figo-ro* ; a *Atalaia contra pedreiros livres* ; o *Segredo revelado*, os *Sebastianistas* ; e as obras de *Melgaço*.

CARANGUEIJA.

Mellaço á rapariga, que é tam quente !

DOUTOR.

Qual mellaço, senhora Carangueija ? Você parece-me que tambem perdeu o juizo. Melgaço, senhora, era um escolastico peripatetico.

CARANGUEIJA.

Inclesiastico pateta ! misericordia, senhor ! Bem mostra que foi estudante : se V. m. não tivesse ido á *nobrecidade*, trattaria a religião de outra maneira, e teria mais respeito aos *inclesiasticos*.

DOUTOR.

Mulher, você faz-me perder a paciencia.

CARANGUEIJA:

Cale-se, cale-se. Tratte de dar melhores *templos*; a sua filha. Já é tempo de tomar juizo, seu velho potrozo.

DOUTOR:

Sim senhora; serei, serei potroso: eu lhe farei o ditto verdadeiro. O' Gertrudes, Gertrudes? De hoje em diante, a minha cama para o quarto da livraria.

CARANGUEIJA:

Ande, ande, metta-se nisso; e depois queixe-se. Olhe, Sr. Lapafuncio; isso vinha do ceo.

DOUTOR:

Cale-se, tonta: lembre-se que está diante de sua filha.

CARANGUEIJA:

Veja se me tapa a bôca. Heide fazer publicos os seus desaforos. Ah meu tempo, meu tempo! As cousas andavão de outro modo: um bom capellão governava a casa, cuidava de tudo, arranjava as cabeças, dirigia as consciencias, etc. etc. Agora! pois não? Os bons costumes forão-se: e o respeito perdeu-se a tal *incessio*, que o bom do nosso confessor, Fr. Patricio de S. Mamede (aquelle sanctinho!) entra, e sai nesta casa, sem que ninguem lhe beje cousa alguma.

CARLOTA.

Mamam, permitta que me retire ao meu quarto. São horas de vir o mestre de musica; e eu ainda não estudei a lição.

CARANGUEIJA:

Sim, sim; retira-te; e avisa-me quando elle chegar; quero fallar-lhe, e adverti-lo que não continue a ensinar-te aquelle maldito hymno, *constru-*

cional. Que peste de musica! que noventa composição!

(affecta d'entoar o hymno)

www.libtool.com.cn

S C E N A IV.

CARANGUEIJA, DOUTOR.

DOUTOR.

Senhora D. Carangueija, trattemos dos nossos arranjos; eu pertendo que Carlota case com o meu amigo, o doutor Pancrácio, homem chão, e ca dos da minha tèmpera, verdadeiro pé de boi. Convém que V. m. disponha a rapariga; e eu vou concluir os ajustes. Avise Carlota que logo que chegue o meu amigo doutor, não comece com os seus costumados destemperos, nem abra a boca sôbre acontecimentos politicos. O meu futuro genro é homem de mão cheia, e tem odio a tudo quanto cheira a jacobinice, e pedreira da.

CARANGUEIJA.

Sim, senhor, sim senhor; tudo se hade fazer. Mas diga-me meu queridinho: *(pondo-lhe a mão pela cara)* inda estamos arrufados? Inda quer ir dormir para a livraria? ande, *(chega-se para elle)* diga, meu doutorsinho?

DOUTOR.

Leva rumor, senhora D. Carangueija! Basta de tolices; vamos ao que serve: trate de fazer o que lhe dice; e quanto ao resto, ca lhe fica pirola a tencer. *(aparte)* Safa com a tal avengesma!

S C E N A V.

Rua.

www.libtool.com.cn
ELEUTHERIO., AUGUSTO.

ELEUTHERIO.

Aquelle que acolá anda a passear.... Eu
já vi aquella *lata*. E'o Augusto. mesmo como
quem o vê. Oh Augusto! oh lé!

AUGUSTO.

Quem diabo me chama? Oh maldito! olha
que *gota*, com que eu venho embarrar?

ELEUTHERIO

Ora tu em Lisboa! Quando chegaste? com
quem vieste? que tal foi a patusca da jornada?

AUGUSTO.

Optima; grazinou-se por essa estrada, que
foi tudo c'os diabos: então que tens por cá feito?

ELEUTHERIO.

Por cá! (*rindo-se*) Lisboa, isto está *pindari-*
co! Mõças, touros, theatros, Marrare, sucia,
e mais sucia,

AUGUSTO.

O' Eleutherio, dize-me; que sobre-escripto
é esse, que trazes no chapeo? já hoje, quando
desmontei, vi dessas quizílias ahipela rua. Que
peta é essa?

ELEUTHERIO.

Isto? isto é o *laço da constituição*.

AUGUSTO.

Pois sim: nunca me *cabularão* no tal *laço*.
Isso é *laço*, comque toda a corcundage hade en-
ganar a boa gente. Então como vamos de *peti-*

cos ? Já pilhaste namôro ? *Pimpa-se, ou não se pim-
pa ?*

ELEUTHERIO.

Ora valhaste os diabos. Pois não ando em-
beißado com um *peizdo*, mesmo *peizarrdo* !

AUGUSTO.

Tu ? ahahaha ! Demais a mais namorante !
Sabe-o ella ? Apposto que não ; que tu sempre
tiveste esse bom costume.

ELEUTHERIO.

Se o sabe ! essa é boa ! Tu não sabes que
as môças de Lisboa entendem pelo ar isto de na-
môro, mesmo antes de elle começar ? Ha 15 dias
que trabalha o telegrapho.

AUGUSTO.

E dá ella *cavaco* ?

ELEUTHERIO.

Cavaquissimo.

AUGUSTO.

Bem entendido ; para *honra*, e *casamento*.

ELEUTHERIO.

Ora embirro : hade aer o que der o jôgo.

AUGUSTO.

Não : tu pela que vejo, é que estás cahido,
mesmo como hum pato. Vamos, vamos ; confe-
ça, meu *pingoleta*.

ELEUTHERIO.

Gósto, gósto : lá isso é verdade ; morro pe-
la pequena.

AUGUSTO.

*Morro pela pequena. (arremedando-o) Fôra
tollo ! morro pela pequena. Estou a ver que já
lhe fizeste a tua declaração em forma . . . A pro-
posito, quantas grozas de sonetos lhe ferraste já !*

ELEUTHERIO.

Bonetos! versos a môças! Pois julgas-me
tão asno?

AUGUSTO.

Ora anda lá! isto de poetas.. em estando
namorados, vai tudo raso com versalhada. Mas
olha, Eleutherio: lembra-te daquelle conselho
do Tolentino:

Vale uma vara de fita,
Mais que a Iliada de Homero.

ELEUTHERIO,

Deixa-te d'asneiras, vamos ao que importa.
Tu has-de servir-me no meu namôro,

AUGUSTO.

Muito boas noutes, Sr. Eleutherio; assim em
ar de brincadeira — *Alcoritantibus nobis* —

ELEUTHERIO,

Não é isso; não te faças camello. O caso é
este. Eu namôro uma rapariga bella, esbelta,
e gallante; e o que mais é, rica,

AUGUSTO,

Rica! rica! Oh que formusura, que divindade!
Ai, meu Eleutherio! parece-me que vou ser teu
rival. Que pechincha para um Sr. estudante!
Dize-me; quem é essa Tagide gentil? Quem é
o ditoso papá?

ELEUTHERIO,

Ahi é que está o *busilis*! O pae é o mais en-
carquilhado ginja, o mais embirrento casmurro,
que tem Lisboa. E' um letrado velho, um dou-
tor da universidade, que deus haja, d'antes da re-
forma, e demais a mais, corcunda como todos os
diabos.

AUGUSTO.

E a menina também padece da tal *intumescença dorsal*?

ELEUTHERIO.

Nada: antes é liberalíssima.

AUGUSTO.

Liberalíssima! salve deus tal logar. Mulher liberalíssima! E tu queres casar com ella?

ELEUTHERIO.

E porque não?

AUGUSTO.

Pobre homem! Não sabes que mulher liberal faz o marido corcunda? quando não seja por traz.... não sei se me percebes?

ELEUTHERIO.

Deixa-te de graças; vamos ao que importa.

AUGUSTO.

Sim... que isto que eu digo é um pau por um olho. Bagatellas, bagatellas.

ELEUTHERIO.

Adeus! não me *repiniques* a conversa. O velho, a mãe, toda a gente da casa, e toda a gente que vai a casa, são corcundas, corcundíssimos; menos a rapariga. Ora eu, rapaz, vindo de Coimbra ha pouco tempo, com fama de liberal; como hei-de introduzir-me em similhante casa? Para isto é que eu quero o teu conselho?

AUGUSTO.

Bom remedio: vai praticar com o doutor.

ELEUTHERIO.

Isso ja eu tentei fazer. Até untei as mãos a um *rabula*, procurador de causas, que conheço; para me introduzir com o ginja. Mas o maldito antiquario, em sonhando que eu sou liberal,

põe-me pela porta fóra; e então fico peor que d'antes. Ora dize tu: em elle offhando para esta *lata*, em sabendo que me formei este anno..

www.Augusto.com.cn

O muito que poderá dizer é que és *pedreiro livre, jardineiro, carbonario*; ou tudo junto, que inda é melhor.

ELEUTHERIO.

Mas, homem, que hei-de eu fazer?

AUGUSTO.

Ande cá, su toleirão: sempre lhe quero mostrar que sou seu amigo. Em fim andámos ambos com a roupeta: va. Voce, faça-se concunda. Tire-me essa garatuja do chapeo..... Mas não; deixe-a estar, que nos é precisa. Com o velho sempre concundissimo; diga-lhe a tudo que sim; e deixe correr a demanda. Agora eu hei-de immortalizar-me na farça; aqui ninguém me conhece; vou despir esta cazaca, e farei de teu creado. O mais fica por minha conta. Mãos á obra, e toca a espatifar o negocio;

ELEUTHERIO.

Oh meu caro Augusto, que obrigações te não devo eu!

AUGUSTO.

Cale a boca, su pedaço d'asno. Com que eu faço isto para o servir a você, ou para me divertir a mim? E' bem camello: ande dahí; vamos;

ELEUTHERIO.

Vamos.

S C E N A VI.

Escritorio.
www.libson.com.cn

CARLOTA so.

Ora a livreria de meu pae sempre é bem curiosa cousa. Boa leitura para aconselhar a uma rapariga de dezoito annos! Mas este meu novo amante, quem será elle? Pelo geito parece-me cousa de Coimbra. O caso é que eu gosto delle. São estudantes, são atrevidos, são peti-mètres; todas dizem o mesmo, mas todas gostão do seu estudantinho.

S C E N A VII.

CARLOTA, ELEUTHERIO, AUGUSTO.

AUGUSTO.

(Defora, batendo á porta)

CARLOTA.

Quem é?

AUGUSTO.

Um servil creado desta illustre casa.

CARLOTA.

Quem procura?

AUGUSTO.

O sapientissimo Sr. doutor Lapafuncio Geba Simões da Boa morte.

CARLOTA.

Não está em casa.

AUGUSTO.

Não importa: temos ordem de esperar por elle.

CARLOTA (*abrindo*)

Entre.

AUGUSTO.

Liberalíssima prole do mais encordadíssimo progenitor, meu liberassimo, e agora, por seu respeito, encordadizado amo, o senhor....

CARLOTA.

Que vejo! E' o mesmo. Senhor, V.m. nesta casa? Onde se vem metter,...

ELEUTHERIO.

Adorada Carlota, amor é quem me aqui traz; e amor nada receia. Os sentimentos, que há muito te consagro, me fizeram buscar este estratagemma para poder.... sim para que nós.... que vós.... e que....

AUGUSTO

(*arremedando-o*)

E que elles.... Minha senhora, o rapaz, quer dizer amor, e não lhe chega a lingua, eu lhe ponho tudo em pratos limpos. Este moco morre pelos seus bellos olhos; as suas vistas são puras, e innocentes: é morgado na sua terra. Ora olhe-lhe para aquella veronica. Não lhe acha mesmo cara de morgado, e demais a mais mesmo assim de sujeito que quer casar? Pois ahí o tem todó inteiro: está ditto tudo. O Sr. seu pae, segundo consta, não gosta muito de *liberalidades*. Meu amo, que é mesmo liberal dos da gema, receava pedir abertamente a sua mão, o que seria aliás bem recebido, attendendo ás suas grandes *propriedades sem fundo, e fundos sem propriedade*. Mas achou melhor servir-se d'uma piedosa alicantina para facilitar o expediente do negocio. Ora, como lhe ia dizendo, formou-se este anno, e vem praticar

com o Sr. seu pae no seu escriptorio : já se sabe, finge-se corcunda com elle, e procurará ser sempre liberal com a menina; ficão-lhe as abertas para fallar com V. m. . . , (*aquidêrrei!*) com V. S. . . . E o mais, deus o fará, ou o diabo lho ensinará.

CARLOTA.

Senhor, diga-me o que devo pensar do que diz o seu creado?

ELEUTHERIO.

Tudo aquillo é verdade, bella Carlota, são estes os innocentes, e desculpaveis artefícios, a que me obrigou a mais violenta paixão.

CARLOTA.

Mas como devo acredita-lo?

ELEUTHERIO, (*ajoelhando*)

Bella Carlota, as tuas graças. . . .

AUGUSTO, (*á parte, arremedando-o*)

O teu dinheiro. . . .

ELEUTHERIO.

A tua divina belleza. . . .

AUGUSTO.

A tua celestial riqueza. . . .

ELEUTHERIO.

Justificação. . . .

AUGUSTO.

Espanificação. . . .

ELEUTHERIO.

O meu atrevimento. . . .

AUGUSTO.

O meu descaramento. . . .

ELEUTHERIO.

E a avidez. . . .

AUGUSTO.

O desejo. . .

ELEUTHERIO,

De gosar dos teus encantos.

AUGUSTO.

De sangrar a burrinha do Sr. seu pae.

S C E N A VIII,

AUGUSTO, ELEUTHERIO, CARLOTA, CARANGUEIJA.

CARANGUEIJA. (*de dentro*)

Carlota, Carlota?

CARLOTA.

Ai de mim, que ahí vem minha mãe!

AUGUSTO.

Não se assuste, menina, que eu aqui estou, Sr. amo, pegue naquelles feitos, e ponha-se assim em ar de quem anda a pescar á chicana. A senhora D. Carlota põe-se á janella com um desses cartapacios fingindo que lê; e eu aqui fico com esta cara de chicote. Vamos, a seus postos; deixem o medalhão da velha por minha conta.

CARANGUEIJA. (*sahindo*)

O' Carlota, Carlota! Irra! tenho as guelas esfrangalhadas de gritar por esta rapariga! Temos namorico fillado? Pois não; assoe-se; bem sabe quaes são as vistas de seu pae, e que o Dr. Pancracio . . . (*dando com os olhos em Eleutherio e Augusto, estes a cortejão*) mas quem são estes melcatrefes? Que fazem elles aqui? Anjo bento! E a rapariga sosinha com dous homens, quando para a perder bastaria um; e então um dos da *tempra* de hoje, que vale por huma duzia dos de

de algum dia , (*puchando a luneta, e encarando-os*)
Ai meus peccados ! E demais a mais um delles
parece-me estudante. Que lambertimo que não ha
de ser ! De certo é peor que Satanaz , (*chega-se
a elles*) O' lá, meus senhores ? O que querem Vv.
mm. ? Quem procurão nesta casa ?

ELEUTHÉRIO.

Eu , minha senhora , venho aqui para pra-
cticante do Sr. Dr. Lapafuncio ,

CARRANGUEIJA.

Maroto ! Insolente ! *Traficante* o Sr. Dr. La-
pafuncio , a honra da lettradice ! O Benjamin do
fôro ! Meu marido *traficante* ! Ponha-se-me já no
olho da rua.

CARLOTA.

Minha mãe , este senhor entrou neste mo-
mento , e procura meu pae , que , segundo elle
diz , lhe deu ordem de o esperar aqui.

AUGUSTO.

(Irra com a santopeia !) Minha senhora ,
não se allucine ; meu amo vem apprender com o
Sr. Dr. Lapafuncio a grande arte da *cabolla judi-
cial*.

CARRANGUEIJA.

Cavalla ! . . . *Cavalla* será elle , grandessissi-
mo mariolla. Patifes ! Virem a minha casa pro-
curar *Cavallas* , como se aqui fosse a ribeira do
peixe ! Insolentes !

S C E N A IX.

CARANGUEIJA, CARLOTA, ELEUTHERIO, AUGUSTO,
DOUTOR.

DOUTOR.

Que algazarra é esta ?

CARANGUEIJA.

O que hade ser ? São estes meliantes que te vierão insultar aqui mesmo ao teu escriptorio. Um chamou-te *traficante*; e o outro quer que eu lhe venda *cavallas*. Atrevidos. . . .

DOUTOR.

Então que pertendem os senhores ? Que é isto ?

ELEUTHERIO.

Que ha de ser Sr. Doutor ? E' esta senhora, que, sem nos ouvir, nos condemnou á revelia. Eu sou aquelle bacharel, por quem lhe falou o seu amigo Barrigudo das Toupeiras; e elle é quem aqui me mandou, assegurando-me que estava admittido a praticar no seu escriptorio. A' vista do exposto, deferirá em termos.

DOUTOR.

Como pede; sim senhor, muito bem vindo, meu cáro Sr. Eleutherio. Já me dava muito cuidado a sua tardança. Julguei que tinha, por desgraça, cahido em alguma dessas enxovias de que ha tanta abundancia nesta capital: são humas verdadeiras ratoeiras de armadilha aos ignorantes pataus. Forte lastima seria, se depois de tão boas informações do meu amigo Barrigudo, tal infortunio lhe acontecesse ! V. m. ficava perdidi-

nho de todo para nunca mais levantar cabeça! Em que mãos, meu deus! Em que mãos ia cair! Rabulas, rabulas modernos, que apenas (e nem ainda apenas) sabem arranhar a ordenação! Olhe, Sr. Eleutherio, depois da vinda dos do Porto, entrou ahí hum matilha de garraios novos, que dão conselhos até por um copo de capilé! Porém... Senhora Carangueija, *tratte de prevenir Carlota do que lhe disse.*

S C E N A X.

DOUTOR, ELEUTHERIO, AUGUSTO.

DOUTOR.

O' Sr. Eleutherio, quem é este rapaz que vem na sua companhia?

ELEUTHERIO.

Este rapaz é um *garoto*, que tomei em Coimbra ao meu serviço. É um pobre diabo, *orfoão de pae, e mãe*, fiel, e capaz de se lhe confiar qualquer empreza, ou obra de desempenho.

AUGUSTO.

Sim senhor, sim senhor; é verdade Sr. Doutor. Sou garoto, sim senhor. O Sr. Eleutherio também, sim senhor. De Coimbra, sim senhor, de Coimbra.

(*para Eleutherio á parte.*)

Deixa estar patife, que logo to direi.

DOUTOR.

Parece-me um pobre selvagem. Isto de certo não tem malicia. Estes creados lá da provincia são melhores que os cá da cidade que são todos uma canalha: confiados, larapios, e muito liberaes das algibeiras alheias.

ELEUTHERIO,

Tem razão Sr. Doutor. Isto por cá está cada vez peor. Daqui a pouco já não lra creados; todos são amos.

www.libtool.com.cn

DOUTOR.

Que quer V., m. Sr. Eleutherio, se tudo é uma anarchia? Todos dão o seu conselho, todos mettem a sua colherada; e o que é mais serio; ja todos são letrados, e detidem de cadeira, como se fossem doutores de capello. E' uma lástima: o melhor conselho da nossa profissão não vale hoje uma de doze. A propósito, Sr. Eleutherio, que novidades temos?

ELEUTHERIO:

Poucas; porém boas. Dizem que vamos a ter outra *alliança angelica* nas margens do Sena. Trata-se de abrir os olhos aos habitantes das trevas peninsulares. Acabará a escravatura; dando liberdade aos negros, e escravizando os brancos. Tolerancia absoluta, concedida pela nova reforma da sancta inquisição; segurança plena de propriedade affiançada por trezentos mil dos protectores da Italia, que querem arranjar as cousas como manda deus; e a igreja, sem derramar huma só gota de sangue, á excepção do de tres, ou quatro milhões de impios, e incredulositos, que não querem accreditar em suas bemfazejas intenções.

DOUTOR.

Isso é sancta gente, que ha de ensinar estes maganões. Diga-me, Sr. Eleutherio: leu a *Gazeta Universal de Europa*?

ELEUTHERIO.

Não senhor, não a li hoje; porque a não pude obter pela affluencia de compradores. Era

tanta a gaiatada á porta do distribuidor, que voou o tal papelucho. Verei logo se posso apanhar alguma ali por essas lojas, ainda que o pague a pêzo. Não me admira a extracção: é papel universal, e basta. Consta-me que até em Constantinopla se gusta como canella. O gram turco é com que accende o seu cachimbo. Voltemos porém ao ponto: que traz elle hoje interessante?

DOUTOR. (*com ar mysterioso.*)

Duas *conspirações e micia* descobertas a noute passada á luz da candeia. Metade d'um sermão sobre a instabilidade das cousas deste mundo, cá neste valle de lagrimas. E o que mais interessa; a marcha d'um exército de mais de quatrocentos mil bemfeitores da humanidade. . . Diz-se que em dias claros já da serra da Estrella se avistão as avançadas. Isto ainda não é nada. Olhe, Sr. Eleutherio, também se falla em quatro esquadras que se apromptão a toda á pressa. De certo, tudo está combinado: o negocio decide-se por estes quinze dias. Ora diga-me: V. m. ouviu fallar nessas grandes desordens da provincia.

ELEUTHERIO.

Ouvi, sim, senhor; isso anda tudo revolto; e elles a teimarem com a gente; ninguém quer isto, á excepção de meia duzia de meliantes, que não tem que perder: elles se desenganarão. Veja, meu doutor, se isto agrada a ninguém: todos iguaes perante a lei; tolerancia; liberdade d'impressão; segurança de propriedade; abolição da sancta Inquisição; extincção de caudelarias; coitadas; direitos banaes, &c. &c.

DOUTOR.

E. que me diz á das ordenanças? Homem

Os capitães mores que erão a consolação e abrigo dos povos: veja se ha maior desafôro. Está visto aondé tudo ia dar; se os do Norte se não lembrassem de vir arranjar as cousas. (*em segredo*) Ouvi dizer que os Turcos tambem dão o seu contingente de tropa?

ELEUTHERIO.

Se dão! Obrigarão-se por este ultimo tratado secreto: a dar 30 mil Assyrios, 50 mil Egyptios, 10 mil Janisaros, e 20 mil Medas; gente terrivel, - e que fazem uma guerra assoladora. Servem-se de animaes ferozes, e trazem uma cáfila de leopardos, pantheras, ursos, tigres, elephantes, hyppopotamos, leões, onças, e camellos dos que mordem; além de uma quantidade de pirañas, e gallinhas bravas, cuja picadura é venenosa.

AUGUSTO.

Oh Sr. meu amo, isso tudo será para o patio dos bichos?

ELEUTHERIO.

Calá-te tolo; que entendes tu de politica? Altas combinações da negromancia; a que não podes chegar com os teus rombos talentos.

DOCTOR.

Não faça caso, Sr. Eleutherio; hoje todos querem metter a sua colherada em politica em leis, em finanças, em commercio; todos fazem planos, projectos, e memorias; basta saberem ler as gazetas para se pôrem a decidir a sorte das Nações. Deixe, deixe estes amigos, não lhes tarda o seu S. Martinho; verá, Sr. Eleutherio, as noticias do primeiro paquete; lêla a gazeta de França, o observador Austriaco; e deixe o mar

que ronca. Vamos porém principiar o nosso trabalho, que são horas.

ELEUTHERIO.

Caro Sr. doutor, com meu desejo é ajudá-lo nas suas laboriosas tarefas. Diga em que me posso ocupar?

DOUTOR.

Ainda que o rendimento é pouco, temos ahí obra de sobejo. Aqui não lia mãos a medir. Ha quinze dias que a grande affluencia de trabalho apenas me dá tempo de pedir os dias da lei; e jurar que estou doente. Se isto continúa, vejo-me obrigado a dar parte de morto, bem entendido com o juramento do estylo, para não faltar á verdade. (*Chegando-se á banca.*) Veja esses autos, Sr. Eleuterio.

ELEUTHERIO.

Eu vou, Sr. doutor: permita-me dizer duas palavras ao meu rapaz. O garoto, anda cá.

AUGUSTO.

Sim, senhor; anda cá. Lá vou, sim senhor.

DOUTOR.

Sr. Eleutheiro, se lhe parece em quanto trabalhamos, póde ir lá para dentro sentar-se na cozinha.

ELEUTHERIO.

Acceito o offerecimento, até porque não gósto que elle ande só por essa cidade. (*á parte a Augusto.*) Ouves, Augusto? tratta de prevenir Carlota do que ajustámos. Esta noite tudo deve ficar arranjado. Não é assim, meu Augusto? (*assagando-o.*) Ora tu não ha-des deixar ficar mal o teu Eleutherio.

AUGUSTO.

Fallemos claro: levo, ou não levo ração na assadura? Olha que a tua sorte depende de mim.

www.libtool.com.cn

ELEUTHERIO.

Sim, meu querido Augusto; tudo quanto quizeres; anda, vai.

AUGUSTO.

Bom: nesse caso, conta que a pequena fica hoje mesmo disposta, e informada de tudo.

SCENA XI.

BARRIGUDO, DOUTOR,
DOUTOR.

(*Batem á porta*) Quem é pôde entrar.

BARRIGUDO.

Deus seja nesta casa. Como passou o meu amigo? Sr. Eleutherio, fôlgo de vê-lo já empapelado.

DOUTOR.

Bem vindo, Sr. Barrigudo, (*levantando-se*) Estou muito contente com o tal bacharel; parece-me um moço de muito proposito. (*Eleutherio folheando papéis.*)

BARRIGUDO.

Não lhe dizia eu, meu doutor; aquillo é huma joia.

DOUTOR.

Não há dúvida, meu caro amigo; é bom moço; porem tem certa quezilia, que me desgraça. O Sr. Barrigudo, porque não lhe diz V. m. que tire aquella cataplasma do chapeo?

BARRIGUDO

Ora Sr. doutor, essa não me parece sua, (*mostra-lhe o chapéo e aponta para o laço.*) Olhe para isto; não vê? Com isto é que nós o comemos.

DOCTOR.

Então, também vou tratar de comprar um laço; que lhe parece Sr. Barrigudo? devo po-lo?

BARRIGUDO.

Sr. doutor, este sobre escripto é muito necessario cá aos da nossa opinião. Vamos porém ao que serve. Apanhei agora hum supplemento extraordinario: isto vem hoje muito bom, é papa fina, (*pucha pelo supplemento*)

DOCTOR. (*esfregando as mãos*)

Sim, vejamos, O' Sr. Eleutherio, chegue-se para cá; e piça as noticias de hoje.

ELEUTHERIO.

Prompto. (*chega-se,*) Não de ser boas por força; a fonte é optima.

BARRIGUDO,

Se o é! (*pucha pelas ocultas e le,*) « Napô-
» les 12 de Julho. A entrada dos *Estrikiós*, foi
» renunciada com *repeniquios* de sinos, salvarão
» as fortalezas, e embarcações *surdas* no porto.
» Os habitantes manifestarão a maior alegria pa-
» ra com os seus libertadores, O espirito público
» é o melhor. Os nossos alliados, querendo dar
» uma decisiva prova das suas boas intenções,
» levantarão uma pequena contribuição de dois
» milhões de ducados.

DOCTOR. (*interrompendo-o*)

E' preciso dinheiro; sim, levárão lá muita gente, que deve ser sustentada pelos habitantes.

BARRIGUDO.

Pois que! (*continuando*) “ Mandarão prender cousa de sinco mil perversos; que contribuirão para as ideias *jacotinas*, proclamando a constituição Hespanhola.”

Hem, Sr. doutor! que lhe parece? E' bico, ou cabeça? Ah bons tafues dos taes *estrikios*! elles é que hão de ensinar esta canalha!

DOUTOR.

Oh lé! como canta, Sancta gente, deus os livre de alguma camada de febre amarella.

BARRIGUDO.

Meu doutor, continuemos; oíça este artigo da Galiza que está frisante. “ *Fonte-verde* 2 de Julho. „ “ A Junta denominada *Apostoli-qua* foi constrangida a fugir desta cidade; e „ consta-nos acaba de se installar em *Tuy*, principiando logo os seus trabalhos por um protesto contra a constituição. „ (Bem bom!), „ A „ authoridade local julgou dever oppôr-se á segunda reunião, e hontem forão presos..... Presos! patifes sempre são Gallegos; prõnderem tam sanctos varões!

ELEUTHERIO.

Eis ahi porque os bons temem de apparecer.

DOUTOR.

Mais claro, Qual será o homem de juizo, que queira fallar, ou escrever na presença de semelhantes prepotencias? Basta, Sr. Barrigudo; não leia mais; o redactor asneou ahi nesse artigo.

BARRIGUDO.

Camellou, camellou. Pois olhe é contra o seu costume. Eu tenho este jornal em muito boa conta, é o unico que se póde ler.

DOUTOR.

Isso é verdade; é o unico que escreve bem! os mais, é uma corja sem moral, e sem intelligião, *www.BibliotecaBR.com* este sabe o que diz,

ELEUTHERIO. (*á parte*)

Oh se sabe! Mas ignora o que dizem delle.

BARRIGUDO.

Meu doutor, é preciso tratar agora do util, Tenho certo arranjosinho, que vale a pena.

DOUTOR.

Diga lá, Sr. Barrigudo: V. m. sabe que sou seu amigo.

BARRIGUDO.

Necessito que me acompanhe á casa daquelle meu amigo, o conego. Deus tenha a sua alma em gloria. Espixon como sabe, e é preciso fazer-lhe o testamento para não dar trabalhos aos seus.... coitadinhos.... afilhados.... não sei se me percebe?

DOUTOR.

Optime! Percebo, e mais que percebo. E' justamente uma excellente occasião. Sr. Eleuterio, eu volto já. Se vier o fiel desses autos de libello crime; diga-lhe que amanhã estão promptos, e que e rendem pitança.

ELEUTHERIO.

Póde ir descansado.

SCENA XII.

ELEUTHERIO. só

Augusto, O' Augusto? O maldito, está surdo! Querem Vv. mm. ver que o patife excede os poderes da procuração? Augusto, Augusto? O' excommungado, tu ouves?

S C E N A XIII.

ELEUTHERIO, AUGUSTO.

www.libtool.com.br

AUGUSTO. (de dentro)

Eu vou, eu vou, Sr. bacharel; estou na ultima admissão; eu lhe fallo.

ELEUTHERIO.

Que tal é o légro? O maroto pregou-ma. Estou vendo que me assopra a dama, e eu fico chuchando no dedo como um pateta. Ah patife! eu te irei ao galinheiro.

AUGUSTO. (entrando)

Que diabo de algazarra é esta? Então que temos?

ELEUTHERIO

Oh maldito! não ouvias? Esganei-me, gritei, berrei; e tu, nem palavra.

AUGUSTO.

Ouvi sim; e então que queria? não sabe, Sr. pateta, que estava occupado? Queria ver se arranjava tambem a creada para acompanhar o far-rancho.

ELEUTHERIO.

Mais! Chata a parte, o caso é serio. O ginja sahiu, e é necessario pôr mãos á obra, e já.

AUGUSTO

Porém como ha de isso ser? Carlota já está informada de tudo; mas logo me disse que antes da noute era impossivel.

ELEUTHERIO.

Qual impossivel! Aqui não ha tempo a perder, e devemos agora mesmo aproveitar a occasião, que tão propicia se nos offerece, Anda, meu Augusto; chama Carlota.

AUGUSTO.

Vamos lá com mais essa, temos maroteira; e eis-me disposto. Nunca tive coração de dizer que não, principalmente a obras pias. Senhora D. Carlota, senhora D. Carlota? O papá chama.

S C E N A XIII.

AUGUSTO, ELEUTHERIO, CARLOTA.

CARLOTA (*de dentro*)

Eu vou, eu vou. (*entrando na scena.*) Então aonde está meu pae?

ELEUTHERIO.

Bella, e adorada Carlota, perdoa a um amante por extremo apaixonado, este innocente estratagemma. Sei que teu pae nunca consentirá na nossa alliança; e forçoso será o separar-nos para sempre. Um unico meio resta: é o consentires em seguir-me. Facil então será obter o sentimento de teu pae.

CARLOTA.

Eleutherio, eu amo-te, porém não devo annuir a tal proposta. Conheço os meus deveres; e se os devo infringir para possuir-te, prefiro renunciar a um louco, e inconsiderado amor, que faria o continuo tormento da minha existencia.

ELEUTHERIO.

Ah cruel, e fallas em amor! Tu o desconheces; o amor quando é verdadeiro, não deicha lugar a frivolas considerações. Está bem; conheço agora a minha loucura em te ter amado; que res a minha morte? Pois sim, cruel; em breve

a verás; em breve saberás qual foi a triste sorte do mais infeliz dos amantes. (*finge querer partir.*)

CARLOTA.

Eleutherio, por piedade não me atormentes mais, Ouve-me. . . .

AUGUSTO.

Meu amigo, constancia, e valor: não te deiches succumbir. Senhora D. Carlota . . . , (*fingindo que chora,*) tenha dó delle; o pobre moço vai-se enforçar; ou, pelo menos, deita-se do arco grande abaicho. Ora . . . , Ora por quem é? Faça o que lhe pede o rapaz. Isso é ter um coração de bronze. Eu já não posso (*chorando*)

CARLOTA.

Eleutherio, um cruel pressentimento me deixa preplexo; não sei o que deya fazer. Tu conheces quanto é fragil uma desgraçada mulher, quando tem o infortunio de amar. Confio na tua honra, confio nos teus juramentos. Eis-me disposta a seguir-te, oxalá que algum dia não deya arrepender-me. . . .

ELEUTHERIO.

Adorada Carlota; as minhas tenções são puras. Augusto te acompanhará a casa de minha tia, onde ficarás em todo o recato. Eu escrevo a teus paes; e elles, sabendo da tua fuga, por certo annuirão ao nosso casamento. No entanto convem que te disfarces com um capote, para evitar qualquer encontro.

CARLOTA.

Eu corro a buscar o da minha criada, e volto.

FLEUTHERIO.

(*beija-lhe a mão*)

AUGUSTO

Vá, sim, minha senhora; e nada receie do seu Eleutherio, que é mesmo uma pomba sem fel. Alli não ha malicia. Nas nossas empresas Coimbraenses foi sempre o beijinho da patusca.

S C E N A XV.

AUGUSTO, ELEUTHERIO, e depois CARLOTA.

ELEUTHERIO.

Augusto, basta de caçoada, que o caso é serio. Gusto da pequena; e ha-de ser minha mulher, dê por onde der.

AUGUSTO.

Pois não; isso ha de ter que ver! ah ah ah!
(*rindo*) *go'sto da pequena*; e então das loiras do ginja nada? Hem? Não ajustão a conta, Sr. Eleutherio?

ELEUTHERIO.

Toca a escrever ao ginja: deichemos-lhe a carta sobre esta carteira; e mo'aca quanto antes.
(*Eleutherio escreve*)

AUGUSTO.

Approvo a politica; sempre me pareceu bem. O' Eleutherio, não te esqueças de lhe dar algumas boas noticias politicas na carta; consola o tal leopardo com quatro concundices, se quer ao menos faz-lhe a boca doce com essas toleimas, já que lhe azedaste o estomago, empalmando-lhe a pequena. Ei-la que chega. Oh Eleutherio! como vem boa com o tal capote! Oh diabo! estou qua-

si tentado a tirar-lha do lance. Digão o que quiserem: o tal trastinho do capote é chistoso, e está-lhe a matar: bom, se ha de estar? E' traje nacional, e basta. (*E. eutherio levanta-se, deicha a carta, e aproxima-se. Augusto, olhando, e mirando Carlota.*)

ELEUTHERIO.

Querida Carlota, eu sou o mais feliz de todos os mortaes; permite que a teus pés....

CARLOTA.

Meu amado Eleutherio, convem não perder tempo, minha mãe não tarda.

AUGUSTO.

Vamos, vamos; nada de demoras.

ELEUTHERIO.

Oh dia venturoso!

AUGUSTO.

Ande, su camello.

S C E N A. XVI.

CARANQUEIJA. (*entrando*)

Carlota, Carlota? Onde está o demonio da rapariga? Carlota, Carlota? (*procurando*) Sumiu-se. O' doutor, doutor? Menos. Sr. *traficante charamel*? Sr. *charamel*? Tambem não. Esta, oasa está endemoninhada. Ninguem falla, ninguem responde, ninguem apparece. Hui! a porta está aberta! Querem Vv. mm. appostar que estes patetas forão ver as descargas ao Rocio com aquella corja de tolos que para lá vão gritar, viva a *construção*, viva o general *Sepulchro*, viva o diabo que os leve. Sim é o que foi... Porém Lapafuncio nunca tal fez na sua vida....

mas quem sabe?... O tal traficante metten-lhe talvez isso na cabeça; e o doutor perdeu a bola... Não ha que duvidar, é o que foi... São rapazes *azougados*.

S C E N A XVII.

CARANGUEIJA, DOUTOR.

DOUTOR.

Que diabo de bulha é esta, senhora Carangueija? Então que temos? Onde está Eleutherio?

CARANGUEIJA.

Bonita pergunta! Eleutherio fugiu, desapareceu. Em cata delle ando eu; e sem dúvida Carlota seguiu-o. Mulheres, mulheres! Sempre se agarrão ao peor. Está visto acceitou as *liberalidades* do tal marotão.

DOUTOR.

Que dizes mulher; Nada, nada: não posso acreditar tal. Eleutherio, que era uma mosca morta, incapaz de quebrar hum prato; um moço tam sizudo, de tam bons sentimentos! Nada, nada; com aquelle não me engano eu. Conheço-os pela pinta; não póde ser; está dito, (*chega-se á cadeira, e põe o chapéu em cima*) Oh lá! uma carta para mim! Vejamos.

(*abre, e lê*)

„ Sr. doutor Lapafonseio Geba Simões da Boa-
„ morte. Sirvão-lhe estas duas regras de desen-
„ gano, e de ensino. Cá me safu com a senhora
„ sua filha, para lhe dar gosto. — Fingi-me
„ corcunda para lhe cabular a mióça. Agora já

„ sou liberal como dantes, e muito ao seu dis-
„ pôr. Desculpe esta pequena logração. Assim
„ quizera eu ensinar todos os corcundas: mas
„ não faltará quem o faça. — Se quizer remediar
„ o negocio, venha dinheiro, e far-se-ha o
„ casamento. — Cá me vou esgueirando com o
„ petisco para a hospedaria da Laconbe. Se se
„ resolver, endireite as costas e appareça! Seu
„ creado-*O Corcunda por amor* ”

Ah patief! que me soubeste enrabichar!
Exaqui o que fazem as gazetinhas!

CARANGUEIJA.

Os periolicos os periolicos! — E o
outro bregeiro do creado? Apposto que tambem
era estudante.

DOUTOR.

Pois você inda o duvida, grandessíssima
tola? Vamos, vamos; não ha outro remedio; vamos
a essa maldita hospedaria. E' preciso casar a
rapariga

CARANGUEIJA.

Casá-la! Essa é boa! casá-la com similhan-
te velhaco?

DOUTOR.

Teleirona! Se o matrimonio a esta hora
já está consummado; você inda quer demorar os
esponsaes?

SCENA XVIII.

DOUTOR, CARANGUEIJA, BARRIGUDO.

BARRIGUDO.

Aqui estão estes feitos, Sr. doutor.

DOUTOR.

Quaes feitos, su procurador de causas pèr-
didás; feitos tenho eu cá com que me divertir.
Forte maroto me metteu você em casa. Vá-se c'os
diabos despachar feitos para o inferno: **que eu**
vou alli aviar uns ao Loureto.

BARRIGUDO.

Pois que é isso?

DOUTOR.

O que é? é o diabo que o carregde. Fugiu
a rapariga cõm o tal patifão do praticante, què
sem esperar pelo *accordo*, venceu a demanda,
e casou-se. Ah maldita coreunda! agora é que
eu fico desempennado. Mas pelo menos, na cor-
cunda da burra não me hade elle metter a plaina

BARRIGUDO.

Sr. doutor, olho vivo com estes liberaesinhos.
Não ha melhor petisco para esta canalha, que a
disfructa d'um coreunda.

DOUTOR.

Coreunda, sim, coreunda! Não quero se-
lo mais: que tenho muito medo aos logros.

CARANGUEIJA.

Sim, meu Lapafuncio, construção, e mais
construção.

BARRIGUDO.

Se a rapariga já lhe fez jurar as bases, que
lhe hão-de V. min. fazer?

DOUTOR.

Vamos, senhora Carangueija, antes que se
faça mais pública a nossa vergonha. E que risa-
das, que risadas não terá dado o velhaco á
minha custa!

SCENA XIX.

Hospedaria.

AUGUSTO, ELEUTHERIO, CARLOTA, (*sentados*)

www.libtool.com.cn

AUGUSTO.

Então que tal foi o mono, que pregámos ao ginja?

ELEUTHERIO.

Augusto, sempre tens vontade de gracejar. Considera o estado de Carlota, e ve quanto soffre a sua timidez; quanto me tem arguido d'este passo.

AUGUSTO.

Ora isso ha-de lhe passar: tudo faz o costume.

CARLOTA.

Não pense, senhor, que por ter tido a ligeireza de cometer uma imprudência, eu não saiba quanto devo a mim mesma.

ELEUTERIO.

Tranquilisa-te bella, Carlota: de ora em diante, serei o amante o mais submisso, e o mais respeitoso. Não tarda que teu pae preste o seu consentimento; e a cada momento espero que...
(*batem fortemente á porta*)

SCENA ULTIMA.

AUGUSTO, ELEUTERIO, CARLOTA CARANGUEIRA.

DOUTOR BARRIGUDO. (*de fora*)

AUGUSTO.

Exahi sem dúvida a resposta acompanhada

com artilharia grossa, e cartuxame emballado.
(*continua batendo*)

Quem diabo está ahí?

Abra essa porta, seu patifão, indigno, perfido, traidor; ou bem depressa lhe mostro quem é o doutor Lapa-funcio Geba Simões da Boa-morte.

CARLOTA.

Meu pae! estou perdida.

ELEUTHERIO.

Não receies, Carlota; teu pae ha-de attender aos meus peditorios, aos meus rogos ha-de.

(*batem com mais força*)

CARANGUEIJA.

Oh filha *matricidia*! Oh filha indigna! Sr. *traficante*, abra a porta, ou grito aqui del-rei.

AUGUSTO.

Esperem, meus senhores; mais prudencia. Ahi vai, ahi vai; eu vou, eu abro já

(*Abre-se a entrada.*)

DOCTOR.

Com que, filha indigna, é este o fructo da educação, que te dei? Ex-aqui o que produzira a minha condescendencia criminal!

CARANGUEIJA.

Nada, nada, meu doutor; vamos embora. vamos buscar a policia para metter esta indigna em um recolhimento: e quanto ao Sr. *traficante*, e a boa jola do criado, já ja para as galés.

CARLOTA.

Meu pae, minha mãe, a minha conducta,

www.libtool.com.cn

